



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



EULA REGINA CIDADE ALMEIDA

ENSINO DE HISTÓRIA E A HISTÓRIA LOCAL:
(re)pensando a prática docente a partir da vivência de estudantes da Vila de Nazaré do Fugido
em Magalhães Barata-Pará.

ANANINDEUA, PA
2024

EULA REGINA CIDADE ALMEIDA

ENSINO DE HISTÓRIA E A HISTÓRIA LOCAL:

(re)pensando a prática docente a partir da vivência de estudantes da Vila de Nazaré do Fugido em Magalhães Barata-Pará.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História/Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário de Ananindeua, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Sidiana da Consolação Ferreira de Macêdo

ANANINDEUA, PA
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A447e Almeida, Eula Regina Cidade.
Ensino de História e História Local : (re)pensando a prática docente a partir da vivência de estudantes da Vila de Nazaré do Fugido em Magalhães Barata-Pará / Eula Regina Cidade Almeida. — 2024.
89 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Sidiana da Consolação Ferreira de Macêdo

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Ananindeua, Mestrado Profissional em Ensino de História, Ananindeua, 2024.


1. Ensino de História. 2. História Local. 3. Aprendizagem Histórica. 4. Estudantes . 5. Vila de Nazaré do Fugido. I. Título.

CDD 370.733

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA DISCENTE

EULA REGINA CIDADE ALMEIDA

A Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação, presidida pela orientadora Profa. Dra. Sidiana da Consolação Ferreira de Macedo e banca examinadora constituída pela Profa. Dra. Franciane Gama Lacerda e Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes, reuniu-se no dia 31 de outubro de 2024, às 09:00 horas, através de videoconferência na Plataforma Google Meet, para avaliar a Defesa de Dissertação da mestranda EULA REGINA CIDADE ALMEIDA intitulada: "ENSINO DE HISTÓRIA E A HISTÓRIA LOCAL: (re)pensando a prática docente a partir da vivência de estudantes da Vila de Nazaré do Fugido no Pará". Após explanação da mestranda e sua arguição pela Comissão Examinadora, a dissertação foi avaliada depois que todos os presentes se retiraram. Desta apreciação, a Comissão Examinadora retirou os seguintes argumentos: 1) que a dissertação atendeu prontamente a todas as recomendações feitas à época do exame de qualificação; 2) que o mestrando respondeu com propriedade a todas as indagações e questionamentos da Banca; 3) que o mestrando construiu argumentos coerentes, dentro de uma escrita que guarda um estilo e clareza a serem exaltados; 4) e que por todos estes aspectos a dissertação foi **APROVADA**, com conceito _____ pela Comissão, de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Curso.


Documento assinado digitalmente
 SIDIANA DA CONSOLAÇÃO FERREIRA DE MACEDO
Data: 28/01/2025 09:50:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Sidiana da Consolação Ferreira de Macedo

Orientadora

Documento assinado digitalmente
 FRANCIANE GAMA LACERDA
Data: 24/01/2025 16:36:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Franciane Gama Lacerda
Membro Externo da Banca / PPGHIST/UFPA

Documento assinado digitalmente
 FRANCIVALDO ALVES NUNES
Data: 25/01/2025 23:36:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes
Membro da Banca / PROFHISTÓRIA/ Ananindeua /UFPA

Aos meus filhos. Amo vocês incondicionalmente!

AGRADECIMENTOS

Escrever essa folha me faz lembrar o quanto precisei caminhar, e me veio à memória todas as pessoas que caminharam comigo durante essa jornada, nesse momento olhar para traz e perceber que em todas as vezes que precisei de apoio ou combustível nesta caminhada eu tive pessoas únicas e a elas minha eterna gratidão.

Agradeço ao meu Deus, Senhor da minha vida e meu socorro em meio a angústias e dificuldades durante essa trajetória e para sempre será minha rocha inabalável.

Agradeço a minha família, pelo apoio incondicional meu marido Welton Amaral por ser meu ombro, e colo em todos os momentos e aos meus filhotes a que apresento como combustíveis para continuar na caminhada, e para ser exemplo para eles, um dos objetivos da minha vida, Eduardo e Gustavo, vocês têm meu coração para sempre e minha gratidão por terem me escolhido como Mamãe.

Aos meus pais Levi e Regina, por acreditarem mais em mim do que eu mesma, obrigada por tanta cumplicidade e por todas as orações e amor, sou um ser humano melhor por ter vindo de vocês.

Às minhas irmãs Ellen, Elaize, Lizandra, Ester a minha vida é mais colorida, alegre e divertida com vocês. Obrigada pela partilha da vida, pelo amor e abrigo.

Aos meus queridos e amigos, da turma de 2022 que durante a jornada contribuíram para esse momento incentivando e trocando ideias, aos meus queridos colegas de curso José e Diego Teófilo que fizeram as aulas mais divertidas, obrigada pelo compartilhamento de angústias, alegrias e conhecimento.

Meu agradecimento especial ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História PROFHISTÓRIA/UFGA, Campus Ananindeua, representado pelo professor Adilson, que mudou a minha forma de olhar e perceber o ser professor.

Aos professores do Programa que promoveram momentos de intensas trocas e crescimento que levarei para a vida, em especial, minha orientadora Sidiana da Consolação Ferreira de Macedo, pela paciência, zelo e dedicação.

Meu agradecimento a banca que ofertou na qualificação preciosas sugestões para o desenvolvimento deste trabalho.

À Direção da Escola Professor Manoel Sabino da Silva, e aos meus alunos, em especial, a turma do 9º ano que se dedicaram na pesquisa e apesar de todas as dificuldades deram o melhor, sem vocês nada disso seria possível, obrigada meus queridos por me ensinar tanto.

Aos moradores da Vila de Nazaré do Fugido em Magalhães Barata que participaram da pesquisa, abrindo a porta de suas casas, seus corações e suas memórias, vocês têm nossa terna e eterna gratidão.

Assim, agradeço com todo o meu coração a todas as pessoas que trilham comigo a estrada da vida, é bom ir com vocês. Sigamos.

RESUMO

Este estudo discute ensino de história, história local e as possibilidades dessa ferramenta de ensino para a aprendizagem histórica de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental da EEEFM Manoel Sabino da Silva na Vila de Nazaré do Fugido em Magalhães Barata-Pará. Utilizamos como metodologia as contribuições da História Oral e da Pesquisa-Ação que permitiram realizar reflexões sobre a prática docente a partir das vivências escolares e de vida desses estudantes. Apresentamos aqui os resultados da pesquisa bibliográfica e de campo, esta última resultante da aplicação de questionários e entrevistas com moradores da Vila de Nazaré do Fugido. Concluímos que aproximar os elementos pertencentes à ciência histórica ao ensino de história, a história local assume um papel importante enquanto metodologia e estratégia pedagógica a serviço da formação da consciência histórica nos estudantes. Desse modo, a história local adquire uma função prática de dar identidade aos sujeitos e fornecer à realidade em que eles vivem uma dimensão temporal, uma orientação que pode guiar a ação, intencionalmente, por meio da mediação da memória histórica.

Palavras-chave: Ensino de História. História Local. Aprendizagem Histórica. Estudantes. Vila de Nazaré do Fugido.

ABSTRACT

This study discusses the teaching of history, local history and the possibilities of this teaching tool for the historical learning of students in the 9th year of elementary school at the EEEFM Manoel Sabino da Silva in the village of Nazaré do Fugido in Magalhães Barata-Pará. Our methodology used the contributions of Oral History and Action Research, which allowed us to reflect on teaching practice based on the school and life experiences of these students. We present here the results of the bibliographical and field research, the latter resulting from the application of questionnaires and interviews with residents of the village of Nazaré do Fugido. We conclude that by bringing the elements of historical science closer to the teaching of history, local history assumes an important role as a methodology and pedagogical strategy in the service of forming students' historical awareness. In this way, local history acquires a practical function of giving subjects an identity and providing the reality in which they live with a temporal dimension, an orientation that can intentionally guide action through the mediation of historical memory.

Keywords: History teaching. Local History. Historical Learning. Students. Village of Nazaré do Fugido.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1. Mapa do Município de Magalhães Barata-Pará.....	39
Figura 2. Mapa da Vila de Nazaré do Fugido em Magalhães Barata-Pará.....	41

IMAGENS

Imagem 1. Roda de Conversa com alunos/as do 9º ano Ensino Fundamental.....	22
Imagem 2. EEEFM Manoel Sabino da Silva.....	42
Imagem 3. Exposição da aula-oficina.....	59
Imagem 4. Estudantes do 9º ano participando da aula-oficina.....	60
Imagem 5. Visitação de outros estudantes na aula-oficina.....	61
Imagem 6. Treinando as entrevistas.....	64
Imagem 7. Entrevista com dona Felismina, moradora da Vila.....	65
Imagem 8. Alunos/as registrando o momento da entrevista.....	66
Imagem 9. Dona Mag�a relatando importantes memórias.....	68
Imagem 10. Mestre Caçamba com os estudantes.....	70
Imagem 11. Seu Hilário relatando sobre a história da Vila do Fugido � professora.....	71
Imagem 12. Senhor Alexandre (ao centro) com alunos/as e a professora.....	72
Imagem 13. Professor Carlos relatando suas percepções sobre a Vila do Fugido.....	73
Imagem 14. Seu Moisés lembrando histórias sobre a Vila do Fugido.....	76
Imagem 15 - Seu Romulo, relatando a origem da vila.....	77
Imagem 16 – Turma do 9 ano da escola Manoel Sabino da Silva.....	82

QUADROS

Quadro 1. Perfil socioecon�mico dos estudantes participantes da pesquisa.....	43
Quadro 2. Cronograma de atividades para a produção do minidocumentário.....	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA À PESQUISA-AÇÃO: CAMINHOS PERCORRIDOS E O MÉTODO DA PESQUISA	18
Situando a metodologia e o <i>lócus</i> da pesquisa	20
CAPÍTULO 1	25
ENSINO DE HISTÓRIA, HISTÓRIA LOCAL E A SALA DE AULA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA	25
1.1 COMPARANDO E ASSOCIANDO: UMA PERSPECTIVA DO LUGAR EM QUE SE VIVE COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	31
1.2 E AGORA, COMO SUPERAR OS DESAFIOS DE TRABALHAR A HISTÓRIA LOCAL EM SALA DE AULA?	34
CAPÍTULO 2	38
VILA DE NAZARÉ DO FUGIDO: A HISTÓRIA LOCAL COMO POSSIBILIDADE PARA A APRENDIZAGEM HISTÓRICA	38
2.1 BREVE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE MAGALHÃES BARATA-PARÁ.....	38
2.1.1 Aqui é a Vila de Nazaré do Fugido, Por Quê?	40
2.1.2 Localizando a Vila de Nazaré do Fugido	41
2.2 O “CHÃO” DA ESCOLA: HISTÓRIA LOCAL DENTRO DA SALA DE AULA	42
2.2.1 História Local: para quem e para quê?	47
CAPÍTULO 3	53
A VILA DE NAZARÉ DO FUGIDO: CONSTRUINDO IDENTIDADES COLETIVAS POR MEIO DE HISTÓRIAS	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS	85
ANEXOS	88

INTRODUÇÃO

Na atualidade, tornar-se professora sobretudo professora de História é um tanto quanto uma tarefa desafiadora, ainda mais quando buscamos romper com formas tradicionais de ensinar não só no contexto da sala de aula, mas, para a vida de indivíduos que trazem consigo modos de perceber o mundo que os cerca. Em tempos líquidos, se faz necessário cativar e construir o aprendizado junto aos alunos/as, o que demanda um esforço diário especialmente atenuado quando propomos que eles/as devem ter um papel importante no processo de ensino e aprendizagem como sujeitos ativos, sob a ótica do lugar em que vivem como parte primordial.

A partir dessa compreensão, é preciso deixar claro as minhas motivações para o desenvolvimento desta pesquisa que mesmo de forma inconsciente se inicia ainda na época em que eu era aluna da educação básica. Pois bem, quando fui aluna em uma escola pública na cidade de Belém-Pará me encantava pelas aulas de história que foram lecionadas por duas professoras – Valderina e Regina – gostava das aulas delas, pois me sentia encantada, me fazia pensar, problematizar mesmo que eu nem soubesse de fato o que isso significava à época, contudo, de alguma maneira, as aulas de histórias das duas professoras conseguiram aproximar e tornar a disciplina de História encantada.

Naquela época eu não havia escolhido qual caminho seguir, ainda não sabia qual seria minha profissão futura, porém, ser professora estava no meu destino. Confesso que naquele momento não saberia dizer, mas de alguma forma aquele jeito de fazer história em sala de aula tinha marcado minha história e meu inconsciente, pois existem pessoas que nos marcam como as professoras que anteriormente citei.

Alguns anos mais, tarde cá estava eu cursando Licenciatura em História, em uma faculdade particular em Belém, graças a projetos de acesso e permanência para alunos oriundos de escolas públicas. Nesse interim, entre tantas promessas, ora quebradas ou mantidas, havia decidido que também enquanto professora de História, minhas aulas seriam encantadas, esse era o objetivo, mas o chão da escola me aguardava para mostrar as diversas faces da moeda chamada sala de aula.

O objetivo logo se transformou em dúvidas, afinal como minhas aulas seriam “encantadas” tal qual a das professoras que marcaram minha vida? Como eu poderia tocar na alma de alunos e alunas e lhes fazer ‘viajar’? No decorrer do Curso de Licenciatura em História aprendi sobre História Medieval, História do Brasil, História Antiga, entre outras que faziam parte da grade curricular. Depois, vieram os primeiros estágios, e quase no final do Curso, o

primeiro emprego como professora do Componente Curricular de História em uma escola particular, nesse momento pensei, chegou minha hora de lecionar a tão desejada aula encantada.

Nos primeiros meses e anos de sala de aula, enxerguei os primeiros desafios de ser professora de História, uma vez que a faculdade havia me ensinado História, contudo não tinha como e nem sabia instrumentalizar, somente o tempo, e o dia a dia em sala de aula poderiam me ensinar a ensinar. Era preciso aprender muito mais, conforme os dias se passavam, a rotina, as intermináveis folhas do livro didático, afinal terminá-los era uma exigência da escola, entre tantas outras demandas a aula encantada estava longe, mas a busca continuava e ainda continua, pois somos construídos e desconstruídos diariamente.

Aqui, é necessário abrir um parêntese para explicar que quando nós, professores e professoras, tomamos conhecimento de que documentos curriculares, textos legais, livros didáticos entre outros instrumentos interferem diretamente no processo de ensino e aprendizagem e que o nosso primeiro comportamento é percebê-los como as únicas ferramentas para que as mudanças se façam sentir no contexto da escola, ou melhor, na sala de aula, então considero que cometemos um grave erro. É preciso muito mais para ensinar a ensinar.

Como nos incita Abud (2007, p. 107), “não se pode conceber o currículo como construção exclusiva da ação nas salas de aula, também o sistema escolar não pode ser tomado como ‘tábula rasa’”. Ao contrário disso, a autora chama atenção para o fato de que é preciso levar em consideração os sujeitos que compõem a escola, os quais, interferem no processo de ensino e aprendizagem na medida em que surgem resistências e concordâncias que vão dando novos sentidos ao aprendizado escolar.

No decorrer de minha formação enquanto professora e experimentando a sala de aula, ocorreu uma descoberta importante e crucial na minha jornada, percebi que a aula que encantada existia, mas que não era eu, sozinha que poderia proporcionar aos meus alunos, essa aula só seria possível quando a sala de aula fosse um lugar de partilha, ou seja, a aula encantada existe quando os/as professores/as e alunos promovem juntos o conhecimento, mais do que isso, quando o saber do aluno e todo o seu arcabouço, aquilo que ele traz em si e dentro de si, pode ser articulado e misturado à prática docente e ao cotidiano escolar.

Já como professora de História e também discente do Programa de Pós Graduação em Ensino de História pela Universidade Federal do Pará (PROFHISTÓRIA/UFGPA), especialmente durante as aulas, as leituras, os debates, as experiências compartilhadas, as angústias, e alegrias, me fez olhar para a minha prática docente, fui inclinada a envolver na

trama da pesquisa alunos e alunas, os alunos deveriam ser protagonistas das nossas dissertações, e as nossas referências balizadoras no que se refere as nossas práticas diárias.

Me lembro que na disciplina “Metodologia no Ensino de História: o pesquisador-professor e o professor-pesquisador” que compôs o rol de professores no primeiro semestre do Curso da Pós-Graduação em Ensino de História, o professor da disciplina nos motivava em nas aulas ministradas a envolver os alunos e alunas em nossas pesquisas. Nesse sentido, apresentou uma bibliografia extensa para ser discutida pela turma que tratava da seguinte questão e para além disso, contribuiu para que pudéssemos construir competências teóricas e metodológicas para o desenvolvimento da pesquisa de campo do ensino e da aprendizagem em História.

A bibliografia que mais me chamou atenção foi o texto de Patrícia Bastos de Azevedo & Ana Maria Ferreira Monteiro intitulado “A sala de aula e a produção de sentido em práticas de letramento na história ensinada” de 2015 em que as autoras evidenciam a importância da sala de aula como um espaço complexo, múltiplo e heterogêneo e que incita muitos questionamentos e possibilidades investigativas, mas também, “está imersa em um contexto comunicativo onde “os sentidos vão sendo tecidos e novas formas de significação vão sendo fixadas, tanto pelo professor, que pode ou não agregar sua concepção de ensino de História, como pelo aluno em relação à história e a sua compreensão de mundo e do passado” (Azevedo; Monteiro, 2015, p. 561), isto é, trazendo para o centro da investigação os alunos e alunas.

Assim como o texto de Isabel Barca intitulado “Ideais chave para a educação histórica: uma busca por (inter)identidade” de 2012 em que a autora a partir da A Educação Histórica pressupõe uma aposta na inter-relação da teoria e práticas de Ensino de História, situando-se a investigação na sua interface onde se sustenta nos princípios da aprendizagem situada, do saber histórico e sua epistemologia e dos procedimentos metodológicos da pesquisa social, bem como sob à luz desses fundamentos teóricos em simbiose, explora concepções e práticas dos agentes educativos, sobretudo dos alunos, colocando estes perante tarefas desafiantes.

Realizar a leitura e discussão dessas bibliografias, por exemplo, me impulsionou a tornar minhas aulas mais próxima da realidade dos alunos, a ideia de fomentar junto com eles e elas uma consciência positiva sobre sua história, perceber nos detalhes, nas paisagens, nos igarapés, na religiosidade, ruas e principalmente nas pessoas comuns, aqueles a quem muitas vezes julgamos não serem importantes para a história; tem muito a contar e ensinar para todos nós, pois independentes de quem somos, fazemos parte, construímos e temos histórias.

Durante minha atuação docente, passei a propor aos meus alunos/as ouvir as pessoas comuns e juntos com essas pessoas pensar quais histórias encontraríamos nos diálogos, afinal o termo “Fugido” surgiu de onde? Quais suas raízes? Quais mudanças a Vila de Nazaré do Fugido experimentou nos últimos anos? Nem todas as respostas para estas perguntas foram encontradas inicialmente, mas, talvez, perguntar seria um dos itens mais importantes nessa motivação, as dúvidas dos alunos nos levaram a fazer história juntos.

A partir de então, os alunos foram convidados a “viajar”, e dessa forma, nascia a aula encantada que tanto procurei durante esse tempo. Ou seja, essa maneira de dar aula estava no trabalho diário com os alunos, a cada conversa e atividade desenvolvida e nas frases tão faladas durante aulas e encontros: “não, não quero participar”! “Tenho vergonha”. “Vai valer ponto”? “Eu não sei entrevistar”! “Olha, eu não sabia disso não, professora”!

A participação deles era a cereja do bolo, vê-los preocupados em estar presentes, gravando, perguntado, me fez compreender que tínhamos vencido vários obstáculos, os alunos se sentiam importantes e de fato eram. Minhas aulas se tornaram encantadoras aos olhos deles? Talvez, somente o tempo vai responder, contudo esta pesquisa só caminhou devido cada descoberta deles, que por mais pequena que fosse se tornava gigante, era fruto do nosso trabalho em conjunto, que fora árduo, cheio de atropelos.

Assim, essa dissertação surge a partir de minha atuação docente na educação básica e da percepção da necessidade de inserir nas aulas de história o tema sobre história local, e as possibilidades dessa ferramenta para o ensino e a aprendizagem de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Manoel Sabino da Silva, em Magalhães Barata-Pará.

Tem como objetivo geral (re)pensar a prática docente a partir da vivência de estudantes da Vila de Nazaré do Fugido em Magalhães Barata-Pará envolvendo o ensino de história e a história local. Os objetivos específicos são demonstrar que o ensino de história pode ser desenvolvido a partir de associações e comparações; conscientizar a comunidade escolar sobre o valor da história local para o ensino de história sobretudo com a promoção de ferramentas associadas as vivências dos estudantes; elaborar um minidocumentário produzido junto à colaboração dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e suas perspectivas.

Buscamos ainda responder as inquietações: Como os estudantes se enxergam dentro da história? Será que se veem como sujeitos? Sabem sobre as histórias de sua comunidade, do lugar que vivem? De que forma, nós professoras/es, podemos instiga-los a pensar sobre o lugar

que pertencem? Pois, os indivíduos carregam consigo uma complexidade de memórias e sentimentos que atravessam o cotidiano, mobilizar ela necessário.

Tais inquietações surgiram por entender que a história da Vila de Nazaré do Fugido é pouco valorizada, acarretando no desconhecimento de alunas e alunos sobre o lugar em que vivem. Contudo, diversos estudiosos¹ apontam que conhecer a história do lugar em que se vive viabiliza o entendimento do entorno do estudante, articulando passado-presente nos vários espaços onde estes sujeitos frequentam como a escola, a casa, o trabalho e a cidade, situando-os nas incertezas do momento.

A história local permite, assim, a proximidade com a vivência cotidiana nos espaços onde os sujeitos têm a identificação com o lugar, tornando mais agradável fazer relações e se desenvolver para a cidadania, isto é, aproximar os e as estudantes da história local é oportunizar para que eles e elas se percebam sujeitos participantes ativos da história. Para tanto, a sala de aula exerce uma importante função ao desenvolver um olhar sensível para a história local, pois “a utilização de forma apropriada da localidade pode constituir um fator essencial à motivação para os conteúdos e ao exercício da cidadania” (Alves, 2001, p. 68).

De acordo com o autor supracitado, ao associar a história local ao currículo escolar, promovemos e valorizamos os e as estudantes a sentirem-se participantes e importantes na história, pois a escola e a sala de aula simbolizam um espaço de troca de experiências em que tudo ao redor pode potencializar as vivências, traz novos significados e descobertas num espaço onde outrora o conhecimento era produzido de uma única forma, agora tem seu espaço alargado.

Desse modo, a instituição escolar é um campo que contribui significativamente para o desenvolvimento dos estudantes sobretudo se levando em consideração a história local como aquela que pode possibilitar a valorização da história de vida de alunos e alunas. Para Cavalcante, compreender o local permite:

Ampliar e compreender a relação entre espaço e ação, ou pensar e problematizar o espaço como lugar de ação, o que coloca, por conseguinte, a relação sujeito/espaço no centro das discussões. Nesse sentido, o “local” seria um recorte eleito por aquele que desejasse refletir sobre as experiências dos sujeitos em espaços sociais delimitados (Cavalcante, 2018, p. 3).

A partir da afirmativa, percebemos que para o autor supracitado, a história local tem grande importância tanto para os estudantes quanto para a prática docente, pois, apesar de

¹ (Almeida Filho & Omuro, 2012); (Barros, 2002); (Bitencourt, 2009); (Fonseca, 2003) e (Schmidt, 2007).

remeter a um espaço recortado, consegue, de alguma forma, inserir as pessoas comuns e suas vivências no processo histórico.

Ao dialogarmos com Fonseca (2003), a autora afirma que a educação brasileira experimenta diversas transformações, o que coloca como exigência a diversidade dentro dos currículos escolares em que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e os Parâmetros Curriculares Nacionais, essas normativas trazem à tona a necessidade da História Local como fundamental para a aprendizagem dos estudantes.

Como cita o Art. 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação:

Os currículos de Ensino Fundamental e Médio deve ter uma base nacional comum a ser complementada em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela (LDB, 2016, p. 195).

A inserção da História Local no currículo escolar nos faz olhar para um sujeito importante na conjuntura escolar, o/a professor/a do componente curricular de história. Uma vez que existem diversas dificuldades que os docentes podem enfrentar em sua jornada de trabalho que perpassa desde a estrutura até a formação e qualificação docente, itens que são indispensáveis para a autonomia e melhoria em relação ao desenvolvimento do ensino e da aprendizagem do conhecimento histórico.

Ensinar pode ser comparado a um jogo de tabuleiro que para conseguir chegar ao objetivo, a cada etapa é necessário montar estratégias, avançar as fases e/ou muitas vezes retroceder, ensinar exige tentativas por vezes ousadas a esta missão cabe ao professor superar estes obstáculos. Segundo Selva Guimarães:

Nós, professores, não apenas estamos na história, mas fazemos, aprendemos e ensinamos História. A educação histórica e a formação da consciência histórica dos sujeitos não ocorrem apenas na escola, mas em diversos lugares. Isto requer de nós uma relação viva e ativa com o tempo e o espaço do mundo no qual vivemos, por menor que ele seja. (Guimarães, 2006, p. 127).

A figura docente pode ser comparada a engrenagem que possibilita avanços ao conhecimento histórico dos estudantes, estes, por sua vez, estabelecem as ferramentas e contam com os participantes neste caso dos alunos e ao refletir sobre a missão de ensinar história. Ademais, o ensino de história tem por objetivo, contribuir na formação intelectual, política, relacionando a um pensamento crítico, e para alcançar é necessário que se construam pontes. A História Local auxilia na compreensão sobre seu lugar, sob a ótica de que a história é construída diariamente e por todos, e que esta não está apenas no livro didáticos ou em manuais.

Juntamente com a atuação docente, a escola deve ser o local onde cotidiano possa ser observado, pois a instituição está em movimento, seus saberes estão sempre se renovando, recriando e aglutinando algo. Para Nikitiuk (2012, p.17) “aquilo que é definido como saber ou conhecimento escolar, na verdade, constitui uma relação particular e arbitrária de um universo muito mais amplo de possibilidades”, isto é, a História Local é uma possibilidade de mudança de um conhecimento arbitrário, pois, ela se faz a partir da vivência dos estudantes.

Ao inserir a História Local nas aulas de História, o/a professor/a pode incitar nos alunos a reflexão, a entender-se como sujeitos da história junto a isto promover a conscientização dos e das estudantes acerca do seu papel como participante ativo da história seja no lugar em que vivem, na sua comunidade ou em meio a família e afins. Para além disso, a partir da necessidade de um ensino ativo em que os estudantes participem do processo de construção do saber, permite a ele compreender que o conhecimento histórico está associado à sua vivência. Logo, promover a participação do aluno, estabelecer comparações e realizar indagações, demonstra que tudo possui historicidade inclusive o lugar onde se vive.

Permitir que os sujeitos históricos abandonem uma postura de aprendizado passivo e passe a se questionar bem como a realizar associações entre os fatos previamente obtidos e a experiência em seu cotidiano, de modo a enxergar-se como parte imprescindível e central do processo de aprendizagem, fomenta a ideia de que o lugar onde os estudantes vivem também participa da história continuamente, sob a ótica de que a história local possa ser compreendida como parte de um todo e que se reflete no cotidiano dos sujeitos que dela participam.

DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA À PESQUISA-AÇÃO: CAMINHOS PERCORRIDOS E O MÉTODO DA PESQUISA

Quanto ao percurso metodológico trilhado nesta pesquisa, utilizamos a pesquisa bibliográfica, pesquisa qualitativa e pesquisa de campo, tendo como principal ferramenta a História Oral e a pesquisa-ação. A construção metodológica iniciou-se a partir do levantamento bibliográfico sobre a temática desta pesquisa ainda na confecção do projeto no âmbito da disciplina “O Pesquisador-professor e o professor-pesquisador” do Programa de Pós Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Pará (PROFHISTÓRIA/UFPA), em que através das leituras e discussões nas aulas surgiu a necessidade do desenvolvimento da pesquisa, assim, tive de realizar pesquisas em sites relevantes como Google Acadêmico, Scielo Brasil, e Porta eduCAPES para fazer o levantamento de artigos, dissertações e teses que dialogassem com os objetivos da referida dissertação.

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, a qual, permite maior possibilidade de aprofundamento das questões propostas neste estudo, e também, por oferecer alternativas de maior proximidade com os sujeitos, permitindo conhecer mais de perto a realidade com o uso das técnicas e instrumentos que este tipo de abordagem proporciona. Minayo (2016) infere que a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Mais adiante, utilizamos a pesquisa de campo como etapa importante dessa metodologia, uma vez que permitiu colher informações diretamente com os sujeitos da pesquisa. Como enfatiza José Filho (2006, p.64) “o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”. Logo, conhecer qualquer fenômeno constituinte dessa realidade necessita de uma aproximação, visto sua complexidade e dinamicidade dialética

A pesquisa bibliográfica, qualitativa e de campo me levou a inserir no percurso metodológico o uso da história oral, entendendo que a mesma extrapola a técnica no sentido de “inscrever” na temática as marcas de quem as vivenciou, buscando na memória as nuances que deram forma e construiu histórias de vida carregadas de significados. Segundo Bolle (2007, p.142), “a história oral é um procedimento metodológico que busca pela construção de fontes e documentos, registrar através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações” sobre a história em suas múltiplas dimensões, sejam elas factuais, temporais, espaciais, conflituosas ou consensuais. Logo, a história oral não diz respeito só ao evento, mas também, ao lugar e ao significado do evento dentro da vida de quem narrou.

Participaram desta pesquisa alunos e alunas da Escola Manoel Sabino da Silva, turma do 9º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais, com um total de 16 alunos, 7 meninos e 9 meninas, a faixa etária dos/as estudantes está entre 14 e 18 anos, a maioria desses adolescentes são oriundos da Vila de Nazaré do Fugido em Magalhães Barata-Pará.

Destacamos que apenas 4 destes estudantes moram em vilas próximas. Ao serem convidados para se juntarem a pesquisa. Am maioria deles e delas demonstraram interesse e uma dose de entusiasmo, pois nunca haviam sido convidados para algo parecido, no entanto não houve um engajamento de todos os alunos na pesquisa, ora por dificuldades de locomoção, eventos climáticos, ou mesmo disposição, visto que foi necessário trabalhar nos contraturnos, no final de semana e nem todos tinham essa disponibilidade.

Situando a metodologia e o *locus* da pesquisa

A História Oral concomitante à pesquisa-ação me direcionou para o desenvolvimento de roda de conversa e oficina pedagógica proporcionando aos estudantes a perceber suas experiências cotidianas como parte importante no processo de ensino-aprendizagem em História. Lima (2015) infere que o trabalho escolar relacionado nas iniciativas dos estudantes, com atividades que superem o espaço de sala de aula, envolvendo pesquisas significativas, com objetivos pré-definidos e aplicação direta, junto a sociedade local, acaba por vincular o ensino de História com as experiências cotidianas desses estudantes.

Para a realização da roda de conversa e oficina, iniciamos primeiramente com a aplicação de um questionário em que os e as estudantes tiveram de responder sobre os conhecimentos acerca do lugar em que vivem, se conhecem a história do lugar, dos primeiros moradores, das casas e dos aspectos gerais sobre o bairro que moram.

Questionário

Qual seu nome, idade e sexo? Seus pais são naturais daqui? Você mora onde? Você conhece a história do lugar onde você vive? O que você já ouviu ou leu sobre a Vila de Nazaré do Fugido? Você consegue relacionar a história da localidade com os conteúdos (ensino) de história? Como? Durante sua vida escolar algum professor já relacionou a história da vila, com a história do Brasil? Você conhece o significado do nome “Nazaré do Fugido”? De que forma você acredita que melhor apreende os conteúdos? Gostaria de ver mais a história do lugar presente na sala de aula, dialogando com os conteúdos?

Com a aplicação do questionário, buscamos promover a compreensão sobre como os alunos percebiam alguns aspectos, além disso de que forma a eles percebem a história do lugar, onde cada sujeito vive, e se compreendiam a ideia de que a história local está amplamente ligada a história global, tentamos perceber como a história estudada era associada ao cotidiano e assim, gerar possibilidades e ferramentas para utilizar na pesquisa, ligadas ao ensino de história a partir da realidade dos estudantes.

A ideia central do questionário era obter respostas significativas, mas no decorrer de sua aplicação, algumas demandas surgiram. Sendo assim, são necessárias pontuar algumas observações: a primeira delas discorre sobre os participantes. A aplicação do questionário ocorreu com 13 alunos/as, realizado em meados de abril de 2023.

O questionário foi elaborado com perguntas que buscavam inicialmente obter informações, de forma mais formal acerca da turma e das suas vivências na comunidade.

Outrossim, era necessário observar o interesse que eles tinham acerca da história do lugar. Além disso, me interessava observar se os/as estudantes conseguiam compreender na disciplina de História algo relacionado a história da Vila.

O questionário foi executado com estes alunos e alunas, todavia enfrentamos algumas dificuldades, entre elas a de aplicação, pela a falta de alguns, outro de não sentirem interesse em escrever suas respostas no papel. Percebemos que aquela metodologia não estava sendo eficiente para obter respostas dos alunos/as para as nossas inquietações, pois traziam respostas vagas ou deixavam em branco, sendo assim, apenas duas alunas conseguiram responder de forma completa o questionário.

Como resultado, a aplicação do questionário não possibilitou uma visão aprofundada do que queríamos abordar, mas ajudou a perceber que existiam lacunas e que deveríamos nos apropriar de outras metodologias para inquietar e incentivar a participação dos alunos e alunas na pesquisa. Pensamos então em envolver os alunos de outras formas, uma das alternativas era me aproximar deles com conversas, momentos na copa, na hora do intervalo, desistindo por hora de papéis e preenchimento de respostas era a alternativa mais interessante, adotar essa postura nos ajudou a progredir ao próximo passo - a roda de conversa.

Após a aplicação do questionário, e percebermos que este não conseguiu alcançar os alunos de forma eficaz, assim, partimos para outra metodologia a realização da roda de conversa, intitulada “Em busca de uma História”.

Antes de iniciar, repetimos e apresentamos para os estudantes a importância da aproximação da história da vila, no contexto da escola e da sala de aula, refletindo junto a eles, sobre a necessidade dessa história estar presente no cotidiano da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Manoel Sabino da Silva.

A roda de conversa nos proporcionou momentos de reflexão e possibilitou a participação coletiva, um momento para discutir, levantar possibilidades, repensar e buscar informações. O primeiro passo foi apresentar a ideia central da roda de conversa, que era a busca “por uma história”. Perguntamos a eles e elas: todos nós temos histórias a contar?

Imagem 1 - Roda de Conversa com alunos/as do 9º ano do Ensino Fundamental.

Fonte: (Eula Regina Cidade Almeida, 2024).

Reservei alguns minutos para que os alunos e as alunas pudessem refletir e, em seguida, exemplifiquei, narrando uma história pessoal ligada a minha própria infância e as minhas impressões, então pedi que cada um contasse algo sobre a sua própria história, algo que gostassem sobre temas diversos e que de alguma forma achavam importante expor. Alguns alunos se sentiram confortáveis para falar outros não, surgiram vários temas entre eles religiosidade, festas, gosto por comida, esse momento foi interessante por ajudar a construir a interação que seria necessária para o desenvolvimento da pesquisa.

O segundo passo foi motivar a levantar questionamentos acerca das histórias que as pessoas da Vila carregavam, quais eram as histórias que poderiam contar, para isso propomos que falassem o que consideravam. A partir disso, a aluna R.P comentou: “minha avó deve ter muita coisa pra nos contar, ela já vive aqui a muito tempo e deve saber, eu já ouvi ela falando!”. A aluna T.C disse: “meu avô carrega muita história, vamos falar com ele tia”. O aluno R.M enfatizou: “não sou daqui e não sei de nada não”. Contudo, percebemos com essas falas que eles/elas foram encorajados a participar, e motivados pela curiosidade, embora ainda existisse por parte de alguns o desinteresse, mesmo assim tentamos incluí-los no processo².

² É preciso dizer que, apesar de os/as estudantes terem se disponibilizado em participar de todo o processo da pesquisa de dissertação, os nomes deles e delas aparecem em siglas para não expormos suas identidades já que se tratam de pessoas menores de idade, assim buscamos preservá-los. Destacamos, assim, que a aluna R.P tem 14 anos, a aluna T.C possui 15 anos e o aluno R.M também possui 15 anos de idade.

Para finalizar a roda de conversar, expus a ideia central da pesquisa que era buscar as raízes, e assim, promover a busca a compreensão de que existia uma história da Vila em que eles moravam e que era possível compreender a partir das experiências das pessoas e de suas próprias experiências o surgimento da Vila. Eles/elas se mostraram entusiasmados com a possibilidade de se ver dentro da história, esse momento foi ímpar por propor para eles/elas que poderíamos desbravar e procurar informações. O que para eles era estimulante, por que acreditavam que poderiam sair das paredes da sala de aula, e quem é o aluno que não gosta de ir para fora da sala de aula?

Alguns momentos na sala de aula, a partir daquele dia foram substituídos por encontros realizados nas ruas próximas a escola, nas casas dos vizinhos, embaixo de árvore da pracinha ou na quadra próxima, o igarapé atrás da escola, ou seja, existiam inúmeras possibilidades que nos ajudaram na nossa fuga da sala de aula, e que foram lugares de encontro, ora gravações ora entrevistas, mas que passaram a compor o nosso dia a dia.

Por último, desenvolvemos a aula-oficina em que estimulamos os e as estudantes do 9 ano do Ensino fundamental da EEEFM Manoel Sabino da Silva, a levantar produções bibliográficas sobre a história da Vila de Nazaré do Fugido para que pudessem responder algumas perguntas sobre o lugar como, por exemplo: Que data surge a Vila de Nazaré do Fugido? Quem foram os primeiros habitantes? Qual o tipo de economia sustenta a Vila? Quais as características da Vila? O nome da Vila se associa a algum contexto histórico?

A metodologia aplicada buscou inserir a história local no cotidiano dos e das estudantes a fim de contribuir positivamente para a aprendizagem histórica destes sujeitos. Como aborda Paim e Picolli (2007, p.114), a história local apresenta uma grande importância na vida dos discentes, uma vez que pode de diferentes formas “apresentar uma história que parta de um acontecimento ou de um cotidiano que os alunos se conhecem empiricamente e, assim, estudar e relacionar os acontecimentos locais com os acontecimentos globais.

A pesquisa apresenta a urgência de um ensino próximo da realidade social dos estudantes para o fomento de um caráter prático e intuitivo ao ensino de história, com o objetivo de cumprir a função social primordial do saber, ou seja, proporcionar a formação do senso crítico dos indivíduos sobretudo através de novas formas de ensinar o conteúdo disciplinar a partir da orientação docente. Pois, a História não é uma ciência estática, voltada apenas para a compreensão do passado, ao contrário, ela pode ser vista no dia a dia, nas diversas formas de viver e se entender no mundo.

Para melhor apresentar a pesquisa, dividimos esta dissertação em três partes.

Capítulo 1. “Ensino de História, História Local e a Sala de Aula: uma discussão necessária” apresenta, a partir da revisão da literatura, uma discussão necessária sobre o ensino de história, a história local e a sala para os dias atuais. Demonstrando que a História, se concebida como processo, permite que os sujeitos compreendam a construção de sua história de vida, a constituição das suas relações sociais e afetivas, isto é, as conexões entre a história e a vida prática, situando-lhes em contextos locais e amplos, desenvolvendo-os para a aprendizagem no sentido do pertencer.

Capítulo 2. “Vila de Nazaré do Fugido: a história local como possibilidade para a aprendizagem histórica”, situa a história da Vila de Nazaré do Fugido como possibilidade para a aprendizagem histórica de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais da EEEFM Manoel Sabino da Silva. Para isso, entende que ao valorizar a história do lugar em que se vive favorece aos alunos o reconhecimento de sua própria história levando em conta a bagagem de vida que cada discente traz consigo, a qual está relacionada com o seu lugar de forma intrínseca, possibilitando aos alunos compreender-se como formadores de opiniões e não meros expectadores no processo de ensino e aprendizagem.

Capítulo 3. “Vila de Nazaré do Fugido: construindo identidades coletivas por meio de histórias”, apresenta a elaboração de um produto audiovisual desenvolvido no decorrer da pesquisa através do minidocumentário intitulado: “Vila de Nazaré do Fugido: construindo identidades coletivas por meio de histórias”, que foi produzido em parceria com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Manoel Sabino da Silva, com intuito de trazer à tona os diálogos desenvolvidos com sujeitos que compuseram a dinâmica do início ao fim do processo. Para pensar no produto, escolhemos utilizar algo que abrangesse a tecnologia e a internet que, de alguma forma, estivesse ligado tanto a minha vivência enquanto professora, quanto a dos alunos.

CAPÍTULO 1

ENSINO DE HISTÓRIA, HISTÓRIA LOCAL E A SALA DE AULA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA

Este capítulo apresenta, a partir da revisão da literatura, uma discussão sobre a importância do ensino de história, a história local e a sala de aula para os dias atuais. Demonstrando ainda que a História, se concebida como processo, permite que os sujeitos compreendam a construção de sua história de vida, a constituição das suas relações sociais e afetivas, isto é, as conexões entre a história e a vida prática, situando-lhes em contextos locais e amplos, desenvolvendo-os para a aprendizagem no sentido do pertencer.

Antes, é preciso ressaltar que vivemos em uma sociedade plural que avança paulatinamente no sentido da propagação de informações provenientes de diversas fontes e origens, as quais, interferem significativamente na aprendizagem dos estudantes. Aprendizagem esta que, na escola, é comumente desenvolvida nas aulas de história, fazendo que uma série de novos olhares sobre as dinâmicas da produção do conhecimento transforme relações e métodos no que tange ao ensino de história.

Segundo Potier & Potier (2014, p.280), “a midiaticização e as novas práticas de relações entre a sociedade e a informação têm colocado em pauta novos caminhos e exigências para as educações brasileira e mundial”. Assim, as formas de conceber as mudanças pelas quais a sociedade e suas instituições estão passando em relação a circulação, consumo e apreensão da informação, revela a necessidade do aprimoramento de novas formas de atuar, capazes de fazer que a escola se adapte e se repense, mantendo-se segundo os novos paradigmas do conhecimento, já que o desenvolvimento das tecnologias midiáticas, especialmente digitais, transformaram sobremaneira a forma de se comunicar e interagir da sociedade e, neste contexto, a escola parece não acompanhar os demais setores sociais.

Em vista disso, a produção de saberes vem se refazendo de maneira contundente no que se refere à reflexão sobre os papéis da escola e de seus agentes em relação à consolidação do conhecimento no espaço escolar e junto aos sujeitos na sociedade, de modo a orientá-los a uma formação identitária que aponte o caminho da construção da cidadania. Ademais, a possibilidade de que os sujeitos em formação conheçam elementos das culturas de si e “do outro”, realizem reflexões e trocas culturais, independentemente da ação docente, do livro didático e da escola, demonstra a preocupação com formas de construção de conhecimento que passou por mudanças e se reconfigurou na necessidade de mediação e organização do conhecimento que o sujeito traz consigo e não apenas na explicação de conteúdos.

Pensando essas questões, no campo educacional a comunicação e a informação é o instrumento primordial para a consolidação da aprendizagem. Por isso, pensar a comunicação e a informação por meio de suas funções, suas formas, seus meios, é tão importante, pois como nos incita Kenski (2008, p. 651) “aprender é o principal objetivo da ação comunicativa presente no processo educacional”. Desse modo, toda vez que os processos de comunicação mudam sobretudo no âmbito da escola, a formação de cada indivíduo também se transforma, fazendo com que a cultura social seja modificada a cada novo processo de comunicação que surge.

A fim de aproximar os elementos pertencentes à ciência histórica ao ensino de história e as demandas sociais capazes de “ler” a nova cultura que se desenha, a história local pode assumir um papel importante enquanto metodologia e estratégia pedagógica a serviço da aprendizagem e formação da consciência histórica nos estudantes a partir da conscientização a respeito de sua realidade social, afinal, é através da educação que se forma sujeitos para viver plenamente a cidadania. Como define Barca (2012, p. 40), “a consciência histórica se realiza quando a informação inerte, se interioriza e torna parte da ferramenta mental do sujeito e é utilizada, com alguma consistência, como orientação no cotidiano pessoal e social”.

Segundo Pérsigo e Fossá (2010, p. 8) “com todas essas possibilidades de interação que se inserem no seio da sociedade contemporânea, as relações sociais são múltiplas e intensas, implicando, até mesmo, um novo modo de presença do indivíduo no mundo contemporâneo”. Isso significa dizer que as mudanças sociais provocadas pelas transformações comunicacionais estão moldando uma nova cultura, um novo ser social em um novo ambiente social.

Para além disso, as interações e as transformações comunicacionais no âmbito da educação têm exigido da sociedade atual refletir especificamente sobre aspectos relativos ao ensino de história e da história local, na perspectiva de focar a sua aplicabilidade e significado tanto para professores/as quanto alunos/as. Uma vez que a própria dinâmica da sociedade suscitada pelo movimento da história acaba trazendo às claras práticas sociais que evidenciam a necessidade da abordagem da história social dos estudantes e seus valores, buscando superar o peso da rígida estrutura eurocêntrica que ainda permeia o ensino de história.

Desse modo, a história local adquire uma função prática de dar identidade aos sujeitos e fornecer à realidade em que eles vivem uma dimensão temporal, uma orientação que pode guiar a ação, intencionalmente, por meio da mediação da memória histórica. De tal forma, é papel e objetivo do estudo da história, fornecer os subsídios necessários para a formação da consciência histórica dos estudantes, bem como, contribuir na formação social, intelectual e

política associado a um pensamento crítico. A disciplina de história concebida enquanto componente curricular, compreende os estudantes como sujeitos históricos.

O sujeito histórico pode ser entendido, por sua vez, como sendo os agentes de ação social, que se tornam significativos para estudos históricos escolhidos com fins didáticos, sendo eles indivíduos, grupos ou classes sociais. Podem ser, assim, todos aqueles que, localizados em contextos históricos, exprimem suas especificidades e características, sendo líderes de lutas para transformações (ou permanências) mais amplas ou de situações mais cotidianas, que atuam em grupo ou isoladamente, e produzem para si ou para uma coletividade. Podem ser trabalhadores, patrões, escravos, reis, camponeses, políticos, prisioneiros, crianças, mulheres, religiosos, velhos, partidos políticos, etc. (Brasil, 1997, p. 29).

A introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais³ entende que o fazer histórico encontra-se nas ações de múltiplos sujeitos históricos indo além das personalidades, das narrativas oficiais e dos personagens governamentais. Nela, se incluem a fala dos silenciados e comumente marginalizados pela escrita histórica como escravizados, mulheres e trabalhadores. Nesse sentido, o diálogo ensino de História e o conhecimento científico redimensiona a importância social da área na formação do estudante, sinalizando e fundamentando a possibilidade de estudo e atividade que valorizem a atitude intelectual do aluno sobretudo como sujeito histórico no desenvolvimento de trabalhos que favoreçam sua autonomia para aprender.

Almeida Filho & Omuro (2012) apontam que o estudo histórico desempenha um papel importante, na medida em que contempla pesquisa e reflexão da relação construída socialmente e da relação estabelecida entre indivíduo, grupo e o mundo social. Nesse sentido, o ensino de História poderá fazer escolha pedagógica capaz de possibilitar aos estudantes pensar sobre seus valores e suas práticas cotidianas e relacioná-los com a problemática histórica inerente ao seu grupo de convívio, à sua localidade, à sua região e à sociedade nacional e mundial.

O ensino de história e a história local se compreendidos dentro de um quadro curricular interdisciplinar pode e deve cumprir a função social e individual de inserir os estudantes nas heranças culturais das comunidades em que vivem, provocando, especialmente, a reflexão histórica e sensibilizando alunos/as para um conjunto de valores. Ao ensino de história e a sala de aula cabem o papel de abrir caminho para que os estudantes possam desenvolver o seu processo de construção pessoal, culminando “numa consciência histórica que exercite a sua

³ Cf. (Lima, 2021, p. 61), para entender a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), é preciso, primeiramente compreender também o contexto e a conjuntura no quais eles se inserem. Nesse sentido, dentro do atual contexto brasileiro, “os PCN's reforçam o tecido de uma política global que não pretende ser orientadora ou propositora para reflexão de debate, mas norteadora de pressupostos e rumos da educação nacional”.

cidadania na defesa de um patrimônio que também lhe pertence e que espera dele a capacidade de o conhecer-proteger-valorizar-divulgar e difundir” (Alves, 2014, p.71).

Nessa perspectiva, selecionamos no site da eduCAPES cinco dissertações de mestrado do PROFHISTÓRIA/UFPA⁴ que apresentaram um panorama sobre o ensino de história e a história local, tomando como escopo práticas docentes e escolas do estado do Pará, a fim de perceber de que maneira o ensino de história e a história local como ferramenta educacional-pedagógica tem contribuído para a melhoria do ensino e aprendizagem dos/das estudantes.

O trabalho intitulado “Aprendizagem Histórica e História Local: uma experiência com alunos do 8º ano sobre o ensino da História de Parauapebas-PA”, de 2020, da autora Mayara Alves Leite investiga como ocorre a aprendizagem histórica dos estudantes a partir da utilização da história local, fazendo uma reflexão sobre a prescrição do ensino da história local nos currículos educacionais. De acordo com a autora, optou-se trabalhar com o ensino da história local, por considerá-la uma importante ferramenta para o desenvolvimento da aprendizagem histórica dos discentes que ao serem inseridos historicamente em seu contexto, eles podem se perceber como parte fundamental dele.

Destaca que existem vários níveis de aprendizado, que ele ocorre de forma contínua e progressiva, variando de pessoa para pessoa devido a isso é importante conhecer o máximo possível os discentes e, a partir daí, elaborar metodologias de ensino para atender às suas necessidades. Para além disso, Leite (2020), chama atenção ao fato de ao desenvolver a aprendizagem histórica, os estudantes poderão assumir uma postura analítica mediante suas vivências em sociedade. E para isso, é importante que os educandos compreendam que a história é fruto da ação humana no tempo e que, portanto, todos nós fazemos parte dela, independente de termos o nome mencionado ou não nos eventos considerados grandiosos.

O trabalho intitulado “Ensino de História e História Local: memórias e historicidades de Anajás na Escola Professora Prudência Borges de Menezes, Anajás-PA”, de 2022, da autora Mônica Malcher Palheta problematiza o ensino de história na escola Professora Prudência Borges de Menezes, situada na cidade de Anajás na ilha de Marajó/PA com intuito de aguçar o

⁴ O PROFHISTÓRIA é um Programa de Pós Graduação em Ensino de História a nível de mestrado e doutorado com oferta simultânea nacional. As Instituições de Ensino Superior que integram a Rede Nacional do PROFHISTÓRIA são denominadas Instituições Associadas e são responsáveis pela execução do curso. Aqui, selecionamos dissertações do PROFHISTÓRIA da Universidade Federal do Pará. Disponível em: <http://site.profhistoria.com.br/duvidas-frequentes/>

uso da história local nas aulas de história como instrumento contributivo para o processo de construção do conhecimento histórico escolar.

Cabe destacar que para utilizar a história local como proposta teórica-metodológica, a autora questionou paradigmas que orientam a prática pedagógica em sala de aula e as características que o ensino da disciplina História adquiriu no contexto da educação no Brasil. Para isso, utilizou o conceito Decolonialidade de Catherine Walsh, instigando a refletir sobre a base do conhecimento histórico transmitido nas aulas de História, chamando atenção para a importância que as abordagens locais possuem no processo de ensino aprendizagem da História.

O trabalho intitulado “História local e educação patrimonial: a feira livre de Bragança do Pará como espaço de aprendizagem histórica”, de 2023, do autor Victor Luiz Damasceno que a partir da elaboração de atividades de exploração da história, memória e identidade local guiados pelo método da educação patrimonial, analisou como a história do lugar em que vivem é possível de ser conhecida e aprendida não só nas salas de aulas, mas também em espaços não formais de aprendizagem.

Para o autor, fomentar o conhecimento a respeito do patrimônio cultural da cidade de Bragança proporcionou aos alunos explorar o meio, pesquisar, entrevistar pessoas e visitar lugares e aprender a história de um outro jeito, ou seja, permitindo a eles uma maneira diferente de construir o aprendizado histórico. Como resultado da pesquisa, os alunos puderam compreender o ensino de História como forma de explorar a história local em que vivem, seja seu bairro, sua rua, o cemitério, a feira, ou a própria escola. Em outros termos, observaram que o conhecimento histórico e a História podem estar em todos os espaços públicos, e cada recinto é composto de memórias individuais e coletivas, passíveis da construção variadas identidades.

O trabalho intitulado “Ensino de História e História Local: (re) construindo Identidades Locais na sala de aula”, de 2023, do autor Igor Aleson Dantas Brito dialoga com as questões de Identidades Ribeirinhas e História Local, contemplando as memórias das comunidades amazônicas a partir da sala de aula. Para isso, problematiza os conceitos de identidades nacionais e como essa questão está sendo trabalhada na escola Laurival Cunha, Ilha das Onças, cidade de Barcarena-PA, cidade localizada próxima a Capital Belém, que possui em sua História uma conexão direta com o processo de colonização portuguesa na Amazônia.

O autor observou que a partir de uma perspectiva decolonial é possível desenvolver estratégias de reformulação das identidades locais como aspecto de compreensão histórica dos indivíduos levando em consideração a construção de uma aprendizagem histórica mais efetiva.

Desse modo, considera profundamente necessária a apresentação de uma perspectiva local decolonial na sala de aula, no sentido de oportunizar aos alunos perceber que as dinâmicas de colonização modificaram sistemas de convivência pacífica com a natureza e que ainda nos dias atuais exercem grande influência na mentalidade barcarenense.

O trabalho intitulado “História Local como Conteúdo de Ensino: experiências a partir da Memória de Ribeirinhos da Cidade de Conceição do Araguaia-PA”, de 2024, da autora Fransuely Rocha Coelho apresenta uma versão “outra” da história de Conceição do Araguaia como alternativa para o trabalho com ensino de história local. A partir disso, problematizou a historiografia local e a existência de uma abordagem caracterizada pelo predomínio de uma história que possui um viés colonialista e romântico. Alternativo a isso, foram produzidas narrativas, com base na memória de ribeirinhos, invisibilizados pelos escritos de história local, como proposta para um ensino de história local que dialogasse com o Pensamento Decolonial.

Nesse sentido, a autora concluiu que o ensino de história local na educação básica, evidencia sua capacidade única de estabelecer conexões significativas entre os estudantes e sua comunidade. Ao longo de suas investigações, observou que a inclusão de elementos históricos locais no currículo escolar contribui não apenas para uma compreensão mais profunda da própria identidade, mas também, para o desenvolvimento de um senso crítico e reflexivo em relação à sociedade. Mais do que isso, o ensino de história local lança um novo olhar a pessoas e grupos invisibilizados, considerando a relação desses com os estudantes, que podem desempenhar um papel crucial no desenvolvimento educacional e social dos nossos alunos.

Em suma, as cinco dissertações com o tema ensino de história e história local apresentaram confluências no sentido de evidenciar que um ensino decolonial numa perspectiva do local em que se vive garante visibilidade às populações silenciadas. Com isso, possibilita que professores e estudantes treinem o olhar para identificar se há outras perspectivas que não estão sendo contadas além da do colonizador, pois a colonialidade privilegia o apagamento/silenciamento de grupos, sociedades ou povos, em detrimento de uma história, de uma cultura ou de um conhecimento único.

Portanto, a história local contribui para a desconstrução da ideia de uma história oficial do município ou do estado que junto a uma perspectiva decolonial aproxima os sujeitos do seu entorno, identificando passado e presente nos vários espaços de convivência e mais do que isso, possibilita o desenvolvimento e valorização de uma consciência histórica protagonizada por si.

1.1 COMPARANDO E ASSOCIANDO: UMA PERSPECTIVA DO LUGAR EM QUE SE VIVE COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM

[...] numa era em que as viagens espaciais deixaram de ser fantasia e se tornaram uma realidade ao alcance de muitos, justificar-se-á que se gaste tempo a falar da história dos microcosmos que são os pequenos espaços? Por que, e, sobretudo, para que a história local e regional? (Silva, 2017, p.383).

Abrir esta sessão com a instigante provocação nos direciona a refletir sobre de que modo a história local pode servir de objeto e referência para o ensino e aprendizagem em história? Pois vivemos em um mundo globalizado, fazendo com que a rapidez da informação junto às inovações tecnológicas, coloque-nos em contato com culturas distantes e diferentes da nossa. Ao mesmo tempo que exige de nós o conhecimento profundo de nossas origens, para que, nessa cultura plural e diversa, identifiquemos elementos que nos unem enquanto sujeitos universais.

Em uma perspectiva de comparação e associação, cabe à história local o enfoque em suas distinções que ao serem reconhecidas pelo grupo de pertença compõem a pluralidade cultural nas sociedades. Assim sendo, aliada a uma das funções do ensino de história – possibilitar que o estudante possa compreender seu tempo/espaço – a história local torna-se capaz de “estabelecer relações de identidade/alteridade com outros sujeitos, tempos e espaços” (Rocha, 2009, p.5).

Para além disso, ao problematizar a história do lugar em que se vive, as experiências e vivências cotidianas, o estudante pode ampliar sua visão sobre a importância da história local para a compreensão da construção de suas histórias de vida, da constituição das suas relações sociais e afetivas, isto é, das conexões entre a história e a vida prática, situando-lhes em contextos locais, mas também, amplos.

Com isso, provocar questionamentos que levem os sujeitos a refletirem sobre a relação da história local com a história global, como: o que os acontecimentos do passado têm a ver com o mundo atual? Como influenciam a forma de viver e pensar dos sujeitos da atualidade? Como ajudam a explicar o que está acontecendo agora, aqui onde vivo? As coisas poderiam ter sido diferentes?

Os questionamentos são oportunidades para que os estudantes possam praticar a elucidação de seu raciocínio histórico através da resolução de problemas análogas aos da ciência histórica. Ao mesmo tempo, possibilita-lhe uma nova leitura da realidade, direcionando seu olhar sobre os fatos históricos, construindo um conhecimento novo, no qual perceba os nexos que conectam experiências de outros tempos, tomando o passado como marco de referência para compreender os problemas sociais do seu tempo.

Para Schmidt (2004), a partir dos questionamentos e da problematização os estudantes podem se perceber como sujeitos históricos, sob a ótica de que os conhecimentos historicamente acumulados são de suma relevância para o entendimento do mundo em que vivem. Para tanto, a história local oferece dinamicidade ao ensino de História ao problematizar a história do seu lugar, confrontar versões distintas, recuperar vivências pessoais e coletivas de fatos que foram deixados à margem da história, transformando tudo isso em conhecimento histórico.

Dialogando com Bittencourt (2004, p.166), a autora chama atenção para o “cuidado de não situar os temas da vida cotidiana de forma isolada dos contextos históricos e dos temas tradicionais”, isto é, o cuidado para não provocar contrassenso entre a história e as experiências locais com as globais. Sugere, a recuperação das relações históricas mais profundas entre os acontecimentos do local, nacional e global, percebendo que nenhuma realidade local é compreendida em si mesma, mas por meio de suas interações com as demais experiências.

Realizar comparações e associações oferece para a história local uma perspectiva do lugar em que se vive como estratégia de ensino e aprendizagem. Pois, apesar de as narrativas locais trazerem, em sua essência, a análise de como uma comunidade foi afetada pelos eventos nacionais e fenômenos particulares circunscritos àquele território, o estudo de história local pretende também investigar a dinâmica própria de uma sociedade, possibilitando repensar a narrativa superficial que concebe a história nacional como única a todas as regiões de um país.

Logo, a história local só consegue ser concebida como estratégia de ensino e aprendizagem quando as escolas se propõem a criar um espaço reflexivo e ações que entende e acompanha as mudanças da sociedade, que possui e se agrupa a um caráter inovador e de promoção de outras ferramentas de ensino a serviço da educação, estabelecendo um papel consolidador na produção de conhecimentos. Ciampi (2008, p.164), infere que “a escola por si mesma não muda a sociedade, mas pode constituir-se num espaço de reflexão e discussão, empenhada na formação de cidadãos críticos e responsáveis”. Assim, o ensino de história, a história local e a sala de aula apresentam-se como elementos norteadores dessa discussão.

Com base nisso, não deixemos de nos perguntar: “Para que serve ensinar história local no ensino de história?” Para Schmidt (2004, p.189), “vertentes historiográficas que entendem a História como o estudo da experiência humana no tempo” [...] diria que a história local “seria um dos critérios principais para a seleção de conteúdos e sua organização em temas a serem ensinados com objetivo de contribuir para a formação de consciências individuais e coletivas”, ou seja, contribui para a formação de consciências e motiva para problematizações históricas.

Se nos perguntássemos ainda: por que trabalhar com a história local? Nessa mesma linha de raciocínio seria possível responder que “o trabalho com espaços menores pode facilitar o conhecimento de continuidades e diferenças, evidências de mudanças, dos conflitos e das permanências” (Schmidt, 2004, p.191). Nesse sentido, o trabalho com a história local permite a problematização e a apreensão de histórias a partir de diferentes sujeitos históricos, favorecendo a eles a vivência pessoal e coletiva, assim como, percebessem como participantes ativos da realidade histórica.

A história local no ensino de história apresenta-se como uma ferramenta capaz de promover uma História mais diversa, menos homogênea e que não deixa a margem as especificidades de lugares e sujeitos que, a partir de um sentimento de pertença, se colocam num contexto de vivências múltiplas, compreendidas sob a ótica de espaços local e global. Contudo, todas estas reflexões nos direcionam também a pensar que nem sempre a história local foi compreendida como é hoje.

A partir de lentes interpretativas, a história local se estabeleceu, sobretudo, em uma espécie de ‘pequeno evento’, circunscrito a uma limitação espacial em que os relatos em relação ao seu acontecimento ficariam quase sempre reduzidos a uma pequena dimensão geográfica. Essa interpretação nos coloca uma série de desafios, como: a história local seria, por excelência, uma ‘história pequena’; uma história do entorno; entendida como um conjunto coeso e diminuto de relações, não permitiria ser estudada em sua totalidade; determinada pelo espaço geográfico; seria uma extensão da história não local, como nos provoca Cavalcanti (2018).

Tais reflexões nos levaram a pensar: e agora, como superar os desafios de trabalhar a história local em sala de aula, ampliando as discussões sobre história local como objeto de estudo, mas sobretudo, como categoria conceitual para o ensino de história? Adianto que antes é preciso compreender a origem da palavra, a qual, nos direciona ao latim *localis*.

Sua grafia sugere que ela desfruta de significados plurais, ou seja, o local é um espaço conceitual polissêmico. Contudo, no dicionário Aurélio, a palavra local se encontra experimentada como sinônimo de lugar, assim, o primeiro significado atribuído a local diz respeito a um sentido “relativo a determinado lugar”, determinando que local está diretamente associada a uma concepção de lugar indissociável de espaço (Cavalcanti, 2018). Assim, é preciso também que compreendamos o local como espaço de problematização que nos coloca uma série de possibilidades para refletir sobre as discussões que o local pode suscitar os debates envolvendo sua apropriação pela História, ou melhor dizendo, pelo ensino de história.

1.2 E AGORA, COMO SUPERAR OS DESAFIOS DE TRABALHAR A HISTÓRIA LOCAL EM SALA DE AULA?

Iniciemos esta sessão com a seguinte reflexão: “uma cidade, um campo, de longe são uma cidade e um campo, mas à medida que nos aproximamos, são casas, árvores, telhas, folhas, capins, formigas, pernas de formigas, até o infinito” (Pascal, apud Gonçalves, 2007, p.175).

A citação bastante conhecida do filósofo e matemático francês Blaise Pascal nos coloca uma série de possibilidades para pensar como o “local” pode provocar discussões que envolvam sua apropriação pela História e seu ensino-aprendizagem, pois o que se entende por local? Local em relação a quê? Para quem? O que é local para uns pode, igualmente, ser global para outros.

Muitas são as possibilidades, mas também, os desafios de se trabalhar com a história local no ensino de história e na sala de aula, visto que muitas são as lentes interpretativas. Além de existir no cotidiano escolar uma série de dificuldades no que tange à importância da problematização e do estudo do local para a formação histórica dos alunos como a fragmentação rígida dos espaços e tempos estudados que não permitem que eles estabeleçam relações entre os vários níveis e dimensões históricas do tema. Fonseca (2006, p.127), enfatiza que “o bairro, a cidade, o Estado são vistos, muitas vezes, como dissociados do resto do País ou do mundo”.

A sala de aula acaba assumindo um papel não só de um lugar onde se transmite conhecimentos, mas sobretudo, onde se estabelece uma relação em que os sujeitos constroem significados e sentidos, fazendo com que seja inseparável o significado da relação entre teoria e prática, entre ensino e pesquisa, entre o que se aprende dentro da escola e fora dela.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), “a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania” (Brasil, 1996. p.14). Portanto, é competência da escola oferecer condições materiais para que diversas aprendizagens possam ocorrer, inclusive as que se referem a possibilidade de ler e compreender o espaço e suas relações a partir de uma perspectiva histórica.

As mudanças pelas quais a educação brasileira tem experimentado nos últimos tempos colocam a exigência da diversidade neste currículo, fazendo com que normativas como a LDB e os PCN’s tragam à tona a necessidade do fomento de características locais importantes:

Os currículos de Ensino Fundamental e Médio deve ter uma base nacional comum a ser complementada em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. (art. 26 da LDB, 2016, p.195).

Contudo, a autora anteriormente citada, enfatiza que a educação histórica e a formação da consciência histórica dos sujeitos não ocorrem apenas na escola ou no currículo escolar, mas nos diversos lugares pelos quais os sujeitos transitam. “Isto requer de nós uma relação viva e ativa com o tempo e o espaço do mundo no qual vivemos, por menor que ele seja” (Fonseca, 2006, p. 128). Ou seja, conhecer os espaços e as relações sociais estabelecidas pelos grupos de convivência próxima no presente e no passado coloca o estudo da história local como uma estratégia pedagógica capaz de viabilizar a transposição didática do saber histórico para o saber escolar. Partindo dessa perspectiva:

Trata-se de uma forma de abordar a aprendizagem, a construção e a compreensão do conhecimento histórico com proposições que podem ser articuladas com os interesses do aluno, suas aproximações cognitivas, suas experiências culturais e com a possibilidade de desenvolver atividades diretamente vinculadas à vida cotidiana. Como estratégia de aprendizagem, a história local pode garantir melhor apropriação do conhecimento histórico baseado em recortes selecionados do conteúdo, os quais serão interligados no conjunto do conhecimento (Vazquez, 1994 Apud Schmidt e Cainelli, 2009, p. 139).

Cabe então percebermos que o meio que vivemos traz as marcas do passado e do presente onde encontramos vestígios, monumentos, objetos, imagens de grande valor para a compreensão do imediato, do próximo e do distante. O local e o cotidiano como locais de memória são constitutivos, ricos de possibilidades educativas e formativas, capazes de proporcionar o senso crítico dos sujeitos.

Para Schmidt & Cainelli (2009, p. 140) o trabalho com a história local tanto pode facilitar a construção de problematizações, a apreensão da história da comunidade sob múltiplos olhares, a partir da consideração das vozes dos diferentes sujeitos, inclusive e principalmente as que foram e são silenciadas pela história dita oficial e institucionalizada como conhecimento histórico quanto “contribuir para que o aluno conheça e aprenda a valorizar o patrimônio histórico de sua localidade, de seu país e do mundo”.

A história local, portanto, pode ser vista como o espaço privilegiado em que se pode introduzir uma formação histórica a partir da vivência entre pessoas comuns que devido suas ações cotidianas estabelecem diferentes relações de convivências, conforme suas necessidades e interesses. Entretanto, para que essa realidade seja de fato concretizada como uma oportunidade para se desenvolver nos estudantes a formação histórica, é preciso que ela seja levada para sala de aula e sirva de ponto de partida para um processo contínuo de reflexão, discussão e problematização dos aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais.

Sendo assim, pode-se utilizar em sala de aula para ser trabalhado com os estudantes diversos tipos de abordagens e documentos que possibilitam o ensino e aprendizagem com a história local, como por exemplo, registros decorrentes de atividades locais como: moedas antigas, pontos turísticos, cartas pessoais, livros de batismo das paróquias e livros de prêmios da escola do bairro, entre outros. São registros que oferecem possibilidades de estudo para uma variada gama de objetos que podem ser colocados em uma perspectiva a qual o local se define de acordo com a dimensão espacial de proximidade e tamanho.

Contudo, Samuel (1990), ao realizar uma discussão sobre o uso do “local” como possibilidade de ensino nos apresenta meios de problematiza-lo, tendo também como referência a história oral, cuja relação propicia ao docente e aos estudantes uma ideia imediata do passado com a história local em que cada sujeito pertence. Logo, é preciso que na prática dos professores de História existam diferentes formas de abordar os temas, as fontes e os materiais incorporados ao trabalho docente como, por exemplo, possibilitar aos estudantes desenvolver alguns objetivos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de História, tais como: identificar o próprio grupo de convívio e as relações que estabelecem com outros tempos e espaços; reconhecer mudanças e permanências nas vivências humanas, presentes na sua realidade e com outras comunidades, próximas ou distantes, no tempo e no espaço e questionar sua realidade, identificando alguns de seus problemas e refletindo sobre algumas de suas possíveis soluções.

Os indícios das experiências do passado podem estar na escola, na rua e na padaria. Anunciam seu som no mercado, na igreja, no seio familiar os quais apresentam suas impressões nas paredes com as marcas das histórias no tempo. É preciso fazer com que alunos/as se reconheçam enquanto membros de um determinado grupo social que carrega características próprias que o particulariza em relação a outros grupos sociais, ao mesmo tempo que “aponta a necessidade de situar seu grupo de convivência dentro de um contexto maior, compreendendo que na impossibilidade de se viver isoladamente, são construídas relações com outros grupos situados em tempos e espaços, às vezes próximos ou distantes” (Lima; Cavalcante, 2018, p. 8).

A observação feita pelo autor nos conduz, fundamentalmente, a uma série de questionamentos que podem ser sintetizados na seguinte pergunta: se a história pode ser encontrada, ouvida e lida em tudo que se vê e se sente, como direcionar essa compreensão a rever as relações entre produção e difusão de saberes históricos; entre currículos prescritos e vividos, construídos no cotidiano escolar?

Nesse sentido, cabe dizer que embora o estudo da história local encontre muitos desafios, devemos enfatizar que as possibilidades de se trabalhar em sala de aula são muitas

sobretudo se considerarmos a enorme variedade de fontes históricas que podem ser exploradas tanto no ambiente de sala de aula quanto fora dela. A riqueza de artefatos, objetos, monumentos, vestígios e documentos de natureza diversa contribuem significativamente no processo de formação histórica dos estudantes.

Entretanto, a mesma pergunta feita anteriormente nos conduz a repensar a relação e difusão entre memória, história e identidade; entre local e global, possibilitando para que nós professores e professoras da disciplina História, a partir de nossa prática pedagógica, consigamos problematizar e superar os desafios de se trabalhar com a história local através da história oral, do uso da memória e do fortalecimento da identidade de pessoas comuns, porém de grande importância para a história de suas comunidades e do lugar em que vivem.

O trabalho pedagógico e o fazer docente em sala de aula especialmente por meio da apreensão histórica pode contribuir para melhor inserção dos estudantes na comunidade, identificando seus problemas, suas características, as mudanças e permanências do local, a construção da identidade pessoal e coletiva, da cultura, a participação dos sujeitos como importantes na História, suas inserções e relações com o local e o global.

No que compete à disciplina de História, compreendemos que a inserção da história local como conteúdo curricular visa favorecer a formação histórica inicial dos estudantes mediante o entendimento da realidade próxima na dimensão temporal e espacial, como ponto de partida para situar-se historicamente, para construir a sua identidade individual e coletiva e para compreender que os seus espaços de convivências estão interligados no tempo e no espaço com outros contextos históricos próximos e distantes, sendo por eles influenciados.

Enfim, respondendo à pergunta inicial desta sessão, o trabalho exercido pelo/a professor/a em sala de aula com a história local é de suma importância e deve ser envolvido por um conjunto de atividades que possibilite aos estudantes desenvolver criticamente a capacidade de reconhecer mudanças e permanências nas vivências humanas, presentes na sua realidade e com outras comunidades, próximas ou distantes, no tempo e no espaço.

Para além disso, o estudo com a história local como possibilidade de se trabalhar em sala de aula deve desenvolver nos alunos e alunas a capacidade de compreender a história não como um processo linear e cronologicamente contínuo, mas repleto de avanços e retrocessos, rupturas e continuidades e que dependendo do contexto pode assumir conotações positivas ou negativas para a comunidade e para as pessoas que nela estão inseridas e, a partir disso, refletirem sobre sua formação histórica crítica, reflexiva e transformadora.

CAPÍTULO 2

VILA DE NAZARÉ DO FUGIDO: A HISTÓRIA LOCAL COMO POSSIBILIDADE PARA A APRENDIZAGEM HISTÓRICA

Este capítulo situa a história da Vila de Nazaré do Fugido como possibilidade para a aprendizagem histórica de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais da EEEFM Manoel Sabino da Silva. Para isso, entende que ao valorizar a história do lugar em que se vive favorece aos alunos e alunas o reconhecimento de sua própria história levando em conta a bagagem de vida que cada estudante traz consigo, a qual está relacionada com o seu lugar de forma intrínseca, possibilitando a eles e elas compreender-se como formadores de opiniões e não meros expectadores no processo de ensino e aprendizagem.

A escolha da Vila de Nazaré do Fugido como *lócus* de pesquisa para o desenvolvimento da dissertação de mestrado se dá pelo fato de eu ser professora e lecionar aulas do componente curricular de história e estudos amazônicos em turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Manoel Sabino da Silva, assim como, pela importância da Vila de Nazaré do Fugido para a composição da história do município de Magalhães Barata e seus habitantes.

2.1 BREVE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE MAGALHÃES BARATA-PARÁ

As terras do atual município de Magalhães Barata no estado do Pará estão situadas na zona fisiográfica do Salgado⁵ que, em tempos passados, pertenceram ao município de Marapanim, com acesso pela rodovia BR-395 é um exemplo de como as cidades surgiram na Amazônia durante o contexto final do período imperial no Brasil⁶.

Quanto a sua história, se sabe que inicialmente Magalhães Barata era chamada de sítio Cuinarana devido ao Rio Cuinarana que servia de caminho para vários lugares, além de abastecer a região, rotas para comunicação e comércio com outras vilas e comunidades

⁵ A região do salgado é uma área localizada no litoral paraense, composta por onze cidades que se estendem no estado do Pará como os municípios de Vigia, Salinópolis, Curuçá, Maracanã, Marapanim, São João de Pirabas, Colares, São Caetano de Odivelas, Terra Alta, São João da Ponta e Magalhães Barata.

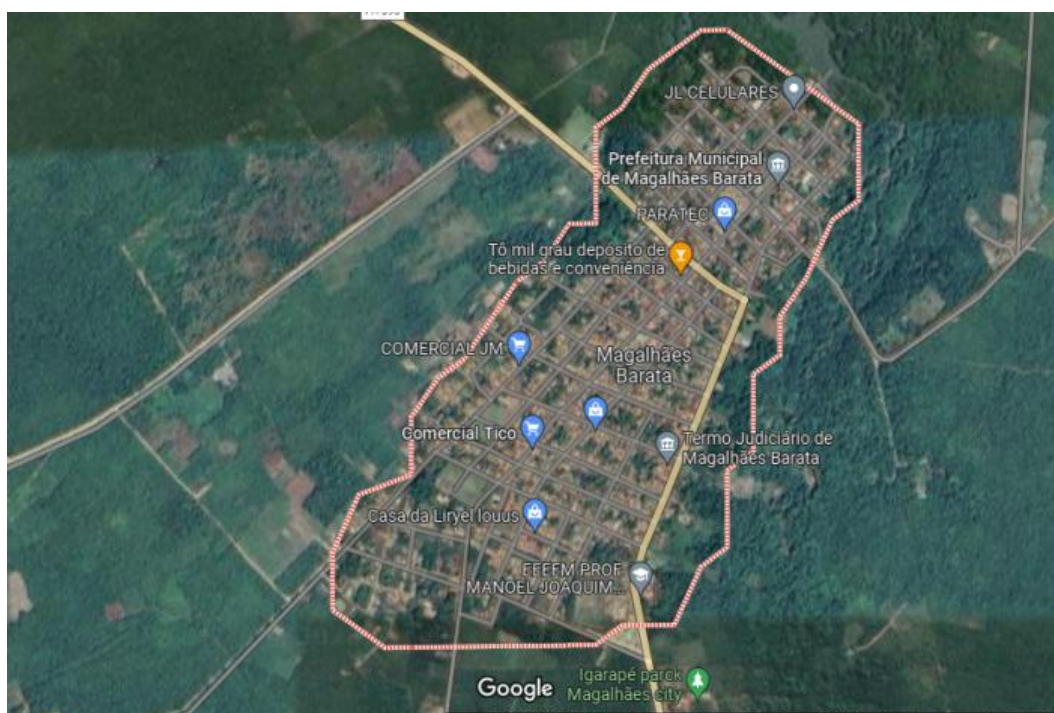
⁶ Conforme Cigolini (2015, p. 8)), após a Constituição brasileira de 1988 foram criados milhares de novos municípios. Entretanto, se observa que a criação de municípios ocorreu desde os primórdios da ocupação do território, tendo sido a primeira forma de governo instituída ainda em 1532, cujo intuito era estabelecer uma unidade política e territorial centralizadora tanto do ponto de vista político quanto administrativo. Ver: CIGOLINI, Antônio Adilar. Ocupação do Território e a Criação de Municípios no Período Imperial Brasileiro. *Mercator* (Fortaleza) 14 (1), jan - apr 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br>

próximas. Após sua elevação à categoria de município o mesmo recebeu esse nome em homenagem póstuma ao então governador paraense Joaquim de Magalhães Cardoso Barata.

Segundo Monteiro (1999, p.24), “no início do século XX, em meados de 1920 começa um processo de mudanças que alcançaram o status de povoação de Cuiarana”, o autor diz que se passaram por muitas categorias como de sítio, povoação, freguesia, vila até alcançar o status de cidade. Assim, o processo de nascimento e organização do espaço geográfico passou também por diversas transformações no decorrer do último século.

Devido a essas transformações ocorridas no último século, a emancipação territorial do município de Magalhães Barata aconteceu a partir da década de 1961, tendo sua instalação mais precisamente “em 27 de março de 1962”, como infere Monteiro (1999, p.23). Cabe destacar que os limites deste município estão os rios Marapanim, a foz do rio Cuiarana e a nascente do Igarapé Santana que alcança o Igarapé Fugido.

Figura 1 - Mapa do Município de Magalhães Barata-Pará.



Fonte: (Google Maps, 2023).

O Igarapé Fugido está localizado na Vila de Nazaré do Fugido, que faz parte do município de Magalhães Barata, que está localizada a 170 quilômetros, de distância da capital do Estado, Belém. Este município compõe um mosaico rico em cultura, muito verde, Igarapés, fauna e flora e que por muito tempo teve como principal bases de sustentação à agricultura familiar e a pesca, contudo, aos poucos, está cedendo lugar para várias outras atividades como por exemplo o comércio, entre outros.

2.1.1 Aqui é a Vila de Nazaré do Fugido, Por Quê?

Iniciamos esta parte com uma pergunta e não à toa. Durante o desenvolvimento de uma aula de Estudos Amazônicos em que eu explicava para a turma do 8º ano do ensino fundamental o conteúdo referente a Revolta da Cabanagem, uma aluna da referida turma levantou um questionamento acerca do nome do lugar em que ela nasceu – a Vila de Nazaré do Fugido, em Magalhães Barata no estado do Pará.

O questionamento foi o seguinte: “professora, quem foi esse tal de Fugido?” naquele momento da aula algumas hipóteses foram levantadas, como por exemplo: como surgiu o nome da Vila de Nazaré do Fugido? Em que ano a Vila foi fundada? Quem foram os primeiros moradores da Vila? A Vila passou por muitas transformações desde sua fundação até os dias atuais, quais? É possível aprender com as informações do passado a partir da vida no presente? Não conseguimos obter resposta imediata para esses questionamentos.

Passei, então, a procurar informações específicas sobre a Vila de Nazaré do Fugido na historiografia nacional, a fim de obter respostas futuras para a tal pergunta e percebi que não havia uma literatura que trouxesse elementos da história da referida Vila, a não ser algumas linhas no livro sobre Magalhães Barata. O questionamento inicial agora eram dúvidas e curiosidades não só dos alunos, mas também, minha.

Como nos incita Schmidt (2009, p. 37), para pensar historicamente os alunos e as alunas precisam “aprender a narrar o passado a partir da vida no presente, com o objeto de elaborar uma orientação relacionada com a construção da identidade de cada um e, também, organizar a própria atuação nas lutas e ações do presente individual e coletivamente”.

Nesse sentido, é possível perceber a complexidade da aprendizagem histórica, mas também, da narrativa e dos questionamentos no processo de construção do conhecimento sobretudo no processo de ensino e aprendizagem em história, o qual, está intimamente relacionado com o conhecimento prévio que cada estudante traz consigo.

Compreender a história da Vila de Nazaré do Fugido a partir da dinâmica das experiências e intenções no tempo no processo da vida humana, contribui para o desenvolvimento de uma consciência histórica crítica, reflexiva e emancipatória de alunos e alunas. Para Rüsen (2010) todas as pessoas têm consciência histórica, isto significa dizer que os indivíduos pensam em relação ao passado, presente e futuro o que favorece com que todos nós tenhamos a capacidade de pensar historicamente. Assim, era necessário trazer esses saberes que faziam parte da vida dos alunos, e mobiliza-los juntos a comunidade e escola.

2.2 O “CHÃO” DA ESCOLA: HISTÓRIA LOCAL DENTRO DA SALA DE AULA

Antes de dissertar sobre a utilização da história local no contexto da sala de aula, induzido sobretudo pelo distanciamento dos estudantes em relação ao desconhecimento da história do lugar em que vivem, é preciso conhecer o “chão” da escola, isto é, conhecer os aspectos que a constituem e fazem dela um importante espaço que contribui na formação pessoal e coletiva de todos que dela participam.

A EEEFM Manoel Sabino da Silva atualmente atende 150 alunos distribuídos em 2 turnos, com turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio e está presente na Vila de Nazaré do Fugido a 15 anos.

Sua estrutura física conta com 6 salas de aula, 1 sala de informática, 1 sala para arquivo, 1 biblioteca, 1 secretaria, 1 copa, 1 despensa, 1 área comum para lanche, 1 quadra coberta, e 2 banheiros. Além da estrutura física, a referida escola conta com uma equipe de professores, dois serviços gerais e uma merendeira, resistindo a uma dificuldade de falta de pessoal, falta recorrente de merenda escolar, entre outras situações diárias e constantes que a escola é submetida rotineiramente.

Imagem 2 - EEEFM Manoel Sabino da Silva.



Fonte: (Eula Regina Cidade Almeida, 2023).

A Escola Manoel Sabino da Silva localiza-se na Rua Nossa Senhora de Nazaré, no coração da Vila, e é neste espaço que se concentram algumas atividades desenvolvidas no

processo e no decorrer das atividades que foram propostas na pesquisa realizadas junto aos alunos de turmas do 9º ano do Ensino Fundamental.

Durante as aulas de História e de Estudos Amazônicos, percebi que havia certo distanciamento desses alunos em relação ao lugar que vivem, os relatos que existem são conhecidos por eles de forma rasteira e superficial. Assim, era necessário compreender junto a eles como a Vila de Nazaré do Fugido surgiu, os sujeitos que fizeram parte do processo, os interesses, valores, tradições entre outros aspectos.

A turma do 9º ano é composta por 14 alunos, entre 7 meninos e 7 meninas participantes e interlocutores desta pesquisa. Esses alunos possuem em média entre 13 e 17 anos, são estudantes provenientes de famílias que têm sua base econômica na agricultura de subsistência, alguns pequenos comerciantes locais, pescadores, e prestadores de serviço da prefeitura, além dos programas de assistencialismo do Estado, que é para alguns a única fonte de renda.

Quadro 1- Perfil socioeconômico dos estudantes participantes da pesquisa.

Nome	Idade	Responsáveis
Pedro Yudi de Castro Silva	15	Pai agente de saúde e mãe podóloga
Thalita	15	Pai Comerciante e empregada da prefeitura.
Roberto		
Gessely	14	Pai comerciante, mãe Trabalha em casa.
Jenifer	15	
Raque Carrêra Monteiro	14	Mãe comerciantes, Pai agricultor
Raquel	14	Pai Vigia e a mãe dona de casa
Débora Rebeca Ferreira Pinheiro	15	Mãe funcionária da prefeitura, e pai Agricultor
Pedro Pinheiro		Pais, agricultores
Geovane	15	Mãe e Pai, agricultores
Agnaido	19	Pais, agricultores

Fonte: (Eula Regina Cidade Almeida, 2023).

É importante salientar que todos os alunos assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, segundo este documento os alunos se colocam a disposição e por livre e espontânea vontade, em participar da pesquisa e do minidocumentário. Além do documento, os pais e responsáveis foram convidados a compreender um pouco sobre a pesquisa, após isso foram convidados a assinar o mesmo termo que dispõe sobre a autorização de menores na pesquisa.

Ao observar a turma, podemos compreender algumas dinâmicas, os alunos são oriundos da turma do 9º ano do Ensino Fundamental e residem, em sua maioria, na Vila de Nazaré do Fugido. No entanto, quatro alunos moram em vilas próximas, entre eles João e Luiz (aqui uso pseudônimos, para não expor) um de 17 e outro de 16, são estudantes que dependem de transporte escolar, mas algumas vezes usavam algum veículo particular para ter acesso à escola.

Esses alunos se mostraram pouco interessados em participar da pesquisa, mas eles acompanhavam o seu desenvolvimento nas poucas vezes que participaram, mesmo não querendo falar, observavam de perto, faziam barulhos sempre que podiam para atrapalhar as gravações, gritavam, entre outras atitudes, que nem sempre fora agradáveis, mas lembrar deles aqui na escrita é de suma importância, para a minha construção como pessoa e professora, afinal nem sempre conseguimos alcançar os nossos alunos, mas desistir deles não pode ser uma opção.

Do outro lado da moeda está a aluna Joana. Esta aluna não morava dentro da Vila, mas em um lugarejo próximo e mesmo sendo de um outro lugar, se mostrou interessada em compreender a história local em que se insere sua escola. Participou dos vídeos, transpôs o obstáculo da vergonha comentando e fazendo chamadas dentro do documentário. Cito estas “duas medidas”, pois, na maioria das vezes, o professor nem sempre encontra um campo fértil ou flores durante o processo de desenvolvimento de uma pesquisa, as dúvidas são persistentes, a motivação diminui à medida que não obtemos resultados esperados, contudo, seguimos.

Vale ressaltar que em todas as fases os alunos deram aquilo que poderiam de melhor como o seu tempo e a disposição para o desenvolvimento de nossa pesquisa que em momentos diferentes nos ajudaram a entender, apontaram possíveis pessoas para entrevistar e visitar, nos ajudaram a chegar em outros lugares, a pensar, analisar e compreender mesmo que de forma rasa um pouco sobre a história do lugar.

Neste contexto de contribuições, a Escola Manoel Sabino da Silva se construiu como um espaço e palco de reuniões e ponto de partida para sair para entrevistas, a instituição acompanhou e apoiou o desenvolvimento desta dissertação auxiliando e prestando assistência sempre que possível e quando solicitado.

Os encontros com os estudantes ocorreram no segundo semestre do ano de 2023, e continuaram durante o ano de 2024 as aulas e Estudos Amazônicos. No decorrer dos encontros, percebia muita dificuldade dos alunos com a leitura e produção de texto, esta, possivelmente causada pelas lacunas no processo de ensino e aprendizagem, em que o sistema educacional foi submetido devido a crise sanitária de saúde com o alastramento mundial da Pandemia de Covid-19, deixando diversas problemas e dificuldades não só na área da saúde, mas também, educacionais que agora tem de ser enfrentados pelas escolas e estudantes de todo o mundo.

Assim, os efeitos devastadores da pandemia foram sentidos em todas as áreas e chegou na porta das escolas, ora públicas ou privadas, no entanto a realidade das escolas públicas foi ainda mais difícil, esse efeito cruel e em larga escala foi sentido nas instituições escolares do interior do estado, as quais, foram afetadas com mais profundidade, os problemas de acesso à internet, acesso a material, ou apostilas, ou um acompanhamento pelos/as professores/as, contribuíram para o cenário que hoje é visto⁷.

A realidade dos anos anteriores a 2023, contribuiu para a conjuntura atual, a turma que participante desta pesquisa se encontra neste rol, toda essa carga de dificuldades é latente, e demandam trabalho extra e contínuo. Com intuito de diminuir essa demanda, este trabalho procurou trilhar alguns caminhos metodológicos durante a pesquisa, entre eles a história oral, a pesquisa-ação, a roda de conversa e oficinas- aulas fora do espaço escolar a fim de envolver os alunos na pesquisa e despertar neles questionamentos e o desejo de aprender.

Nesse caminho passei a perceber que existia a necessidade de aproximar e incentivar os alunos da escola Manoel Sabino da Silva em relação ao ensino de história e à história local, afinal como compreender a história, a Amazônia, sem entender a sua própria história? E o quão eles estavam envolvidos na trama? Ademais era necessário sair das quatro paredes da sala de aula e investigar, para se apropriar dos detalhes ignorados, sendo esta, uma possibilidade para o aprendizado em história.

⁷ De acordo com estudos como (Silus; Fonseca; Jesus, 2020), (Dias, 2021), (Magalhães, 2021) e (Santos; Oliveira, 2021), o mundo parou em função da Pandemia de COVID-19 na virada do ano de 2019 para 2020, pois os casos da doença provocada pelo novo corona vírus foram alarmantes. O consenso mundial segundo os órgãos oficiais de saúde foi o isolamento social, com restrições de viagens, fechamento provisório de escolas, universidades e comércios em geral. Os dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 2020), mais de 1,5 bilhão de estudantes de 191 países foram afetados pelo fechamento das escolas e universidades. Diante da necessidade emergencial de fechamento das instituições de ensino, muitos desafios para a continuidade da educação mundial surgiram, dentre eles: harmonização do relacionamento entre estudantes e professores; o uso excessivo da tecnologia como ferramenta de comunicação para o ensino e aprendizagem; a dificuldade de professores e estudantes com o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's); além de todas as questões socioemocionais que envolvem professores, alunos, famílias e sociedade.

Alguns conceitos foram trabalhados em sala de aula no decorrer do ano de 2023, e que foram importantes para iniciar a empreitada, entre eles, foi a ideia de vila e comunidade, que de forma simplista, nascem geralmente a partir de laços e interesses compartilhados. Então, quais laços construíram a história da Vila de Nazaré do Fugido, elas ainda existem? Inquietações que buscamos responder na pesquisa.

Cabe destacar que na Amazônia há múltiplas vilas ou comunidades, que segundo Charles Wagley (1957, p.42) “uma comunidade isolada nunca é típica de uma região ou uma nação. Cada qual tem suas próprias tradições, sua história particular, suas variações especiais do modo de vida regional ou nacional”. Assim, consideramos importante para o aluno essa compreensão de poder analisar, perceber e entender quais as tradições da Vila de Nazaré do Fugido, como ela se construiu ao longo tempo e como isso faz parte de suas vidas na atualidade.

Para compreender esses detalhes não ditos, recorreremos a história oral, que segundo Portelli (2016, p.09) “as fontes orais do historiador são narrativas individuais informais dialógicas criadas no encontro entre historiador e narrador”. Para este autor, é possível a partir de uma conversa, ouvir detalhes que muitas vezes são esquecidos, dores, anseios, acrescento aqui sonhos e entre tantos anseios que são formados os seres humanos, que nos moldam, e moldam as nossas vidas.

Ainda com a perspectiva de compreensão da história oral, a autora Verena Alberti compartilha as possibilidades de trabalhar esta metodologia junto ao ensino de história.

No ensino de história, por exemplo, alguns recursos oferecidos pela história oral podem ser úteis: uma entrevista pode tornar o aprendizado mais fácil, porque trata de experiências concretas, narradas de forma direta e coloquial, e os alunos também podem fazer entrevistas sobre as histórias da comunidade e das famílias. Além de passar a conhecer essas histórias, o estudante desenvolve várias habilidades: o planejamento do trabalho, a prática de pesquisa e a capacidade de falar com pessoas desconhecidas. Entrevistas de história oral podem ser usadas com sucesso também em vídeo e em outros recursos de multimídia, como exposições, programas de vídeo e e forma de apresentar experiências concretas sobre determinados acontecimentos e conjunturas (Alberti, 2004, p. 28).

Compreender que a história oral pode contribuir para o ensino de história, possibilita para que se compreenda também as dinâmicas sociais da Vila Nazaré do fugido, ao utilizar esta ferramenta junto aos alunos, fazendo-os perceber o dinamismo que existe na realidade do local em que vivem e que de alguma forma os cercam pautados especialmente nas suas vivências.

Encontrar na oralidade uma forma de escutar os detalhes, perceber as conexões do passado e presente, e de como as relações foram sendo conduzidas no decorrer do tempo,

contribuíram para que os alunos pudessem compreender sua própria história. Contudo esse processo não foi simples, as lacunas citadas acima, provocaram um cenário de desconhecimento, sendo necessário despertar nos estudantes o desejo pelos estudos para que assim pudessem aprender conceitos básicos relacionados a disciplina História, como fontes históricas, relação passado-presente, tempo histórico e história oral, não de forma profunda, porém importantes para desenvolver a aprendizagem histórica desses alunos.

2.2.1 História Local: para quem e para quê?

O estudo da história local nem sempre foi relevante no mundo acadêmico. No Brasil, o tema foi proposto a partir do final década de 1970-1980, com diferentes formas de abordagem e propostas curriculares organizadas numa perspectiva mais próxima dos alunos e alunas. Segundo Horn & Germinari (2010, p. 128), entre as décadas de 1980 e 1990, predominou-se a história temática, sendo a história local colocada como estratégia pedagógica, para garantir o domínio do conhecimento histórico”. Nos textos legais, como PCN e DCE, a história local está indicada tanto como eixo para seleção de conteúdos quanto método de ensino e aprendizagem.

Contudo, cabe destacar que isso só foi possível graças a uma nova concepção metodológica que surgiu na França em 1929, denominada de Nova História. A partir desta nova abordagem historiográfica, passou a existir uma diversificação no conceito de fonte histórica, bem como uma dinamização no objeto de estudo do pesquisador.

Pensando assim, algumas características que até então não eram estudadas nas academias, foram colocadas em evidência, ampliando-se a concepção dos agentes elaboradores da história, deixou-se um tanto de lado a noção tradicional da narrativa histórica para buscar uma história problema, como esclarece Burke:

A Nova História começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana. (...) Nos últimos trinta anos nos deparamos com várias histórias notáveis de tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem, como por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira, os gestos, o corpo. (...) O que era previamente considerado imutável é agora encarado como uma “construção cultural”, sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço (Burke, 1992, p. 11).

A partir de concepções dessa nova corrente historiográfica houve também a crescente necessidade e relevância do estudo da história local no universo acadêmico sobretudo porque ele aproxima o pesquisador do seu objeto de estudo. As narrativas deixam de ser estabelecidas em temas longínquos para se integrar aos fenômenos históricos locais seja de uma região, de

um município ou Estado, possibilitando a construção de uma história plural, onde todos os sujeitos têm direito à voz.

Nessa perspectiva de valorização da história local no espaço acadêmico, surgiu também, a necessidade acerca da reflexão e urgência em trabalhara essa nova concepção historiográfica no contexto escolar, já que os currículos prescritivos e livros didáticos da educação básica privilegiam apenas um tipo de conhecimento histórico, universalizado em temas de História Geral e do Brasil, muitas vezes sem significado para os/as estudantes. Mais do que isso, torna a aprendizagem algo sem prazer e desconsiderando a perspectiva de que história é vida.

Paim destaca que:

O estudo das questões regionais e locais se faz fundamental para que os alunos possam compreender melhor as relações existentes entre a região onde vivem e o global, pois esta compreensão ajuda-lhes a refletir historicamente sobre os acontecimentos, lhes proporciona uma visão crítica sobre os fatos e assim, podem formar e transformar sua opinião (Paim, 2007).

A citação remete a necessidade de alunos e alunas compreenderem sobre os seus locais, pois ao pensar o local, permite fomentar a criticidade, senso de participação ativa na história e, perceber acontecimentos históricos mais próximos a sua realidade e vivência.

Proporcionar essa compreensão aos estudantes, ou seja, aproximar a história vista nos livros didáticos que, muitas vezes não abordam uma história local ou regional, como nos provoca Fernandes (1995, p. 04) “uma história distante de seu tempo presente, de suas experiências de vida, de suas expectativas e desejos”, fazendo-os, então, perceber que ela não está dissociada a um contexto, mas, envolvida na história mundial, é de suma importância.

Ademais, a história local pode dar visibilidade ao passado, observando ainda as permanências, rupturas e continuidades, sempre pensando historicamente e construindo identidades a partir desse conhecimento. E evidentemente, a história local não pode ser desvinculada de um contexto mais amplo de região, ou seja, não podemos falar da economia atual de Magalhães Barata no estado do Pará, sem fazer uma relação com o cenário nacional do passado, mas isso não significa estabelecer escalas de valores entre um tema e outro, o primordial é perceber as relações históricas em suas particularidades.

O estudo do regional, ao focalizar o peculiar, redimensionaria a análise do nacional, que ressalta as identidades e semelhanças, enquanto o conhecimento do regional e do local insistira na diferença e diversidade, focalizando o indivíduo no seu meio sociocultural, político e geoambiental, na interação com os grupos sociais em todas as extensões, alcançando vencidos e vencedores, dominados, conectando o individual com o social (Neves, 2002, p. 89).

Ao dialogar com este pensamento, o ensino da História possibilita diferentes relações no tempo e no espaço passando-se pela história local, regional e do mundo, assim, possibilitando aos alunos, inúmeras conexões com o conhecimento. Pois, aprender história é discutir evidências, levantar hipóteses, dialogar com os sujeitos, os tempos e os espaços históricos, levando os alunos a perceberem que sua própria vida já é uma grande história e que o conhecimento histórico pode ser elaborado por todos, independentemente de qual seja seu posicionamento social, político, econômico e/ou cultural.

Do mesmo modo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) sugere que o ensino de história deve contemplar também a história do município, ou seja, a história local, fazendo com que esta discussão seja necessária nas escolas do país. Entretanto, a Vila de Nazaré do Fugido em Magalhães Barata-Pará teve, por muito tempo, sua história ignorada, então trazer esse debate para a sala de aula e para a vivência dos estudantes gera uma contribuição para o conhecimento acerca do patrimônio histórico material e imaterial, imprescindíveis para a aprendizagem da história.

Cabe novamente destacar que a história da Vila de Nazaré do Fugido, assim como de várias outras Vilas e Comunidades do interior do estado do Pará não tem suas histórias contadas em documentos oficiais, é geralmente conhecida pelos relatos de pessoas mais antigas do lugar. Desse modo, a falta de fontes documentais ou mesmo imagéticas abriram caminhos para se pensar na história oral como uma possibilidade de revisitar a história local.

Assim, nos questionamos: e se a história do lugar fosse visitada e contada pelos estudantes? O ensejo é de possibilitar sua valorização em sala de aula, promover uma consciência social, a autoestima dos alunos e a ideia de pertença do lugar em que vivem, ajudando-os a forma-los como sujeitos conscientes de seus deveres e direitos.

Perceber a história do Vila de Nazaré do Fugido foi um dos desafios desta dissertação. Contudo, concordamos com Prost (2008, p. 96) quando o autor diz que as perguntas formuladas ao passado dependem de questionamentos no presente, isto é, a “história faz-se a partir do tempo: um tempo complexo construído e multifacetado.”

Nesse sentido, o tempo, torna-se para a história objeto de estudo, desconstruindo, assim, a história como uma ciência unicamente do passado, ao contrário disso, ela pode ser construída de uma diversidade de documentos, afinal tudo tem história. Então questionamos mais uma vez: e se os alunos e as alunas pudessem compreender essa história através do tempo?

Os estudantes precisam enxergar que eles participam da experiência da humanidade no seu tempo e, que ele pode, orientado por essa experiência, fazer parte da história. Por essa razão, eis a tarefa árdua de nós professores e professoras que precisam inserir em sua prática a desconstrução de uma memória positivista, onde o aluno não era participante do processo histórico, e por sua vez não lhe interessava.

A filósofa Hanna Arendt (1972) infere que crise geral do mundo moderno perpassa pela educação que, por sua vez, insere-se num contexto de projeto político e econômico do mundo capitalista. Neste viés apresenta os três pressupostos: a criança, o individualismo e a nova pedagogia em que a criança não pode ser deixada de lado e sim conduzida, ou seja, apresenta que a criança precisa de mediação no mundo, no individualismo a ideia que ela rompe é que o passado está ligado ao presente, ou seja, de que os legados culturais precisam ser mantidos.

A autora faz ainda uma crítica à ideia de educação conservadora, tecendo também uma crítica sobre a nova pedagogia, onde apresenta a ideia que professores precisam e devem ter a autoridade, não ligada a autoritarismo e sim de autoridade na profissão, assim mediante ao pensamento da Arendt, nós professores, podemos guiar no processo de descobrimento, contribuindo e fornecendo meios aos estudantes.

A partir da lógica em que o aluno precisa ser conduzido, o ensino de história pode ajudar neste aspecto, dialogando justamente com esta ideia, valoriza-se a história do próprio aluno, e da sua comunidade, os professores podem engendrar e favorecer este conhecimento em sala de aula. Segundo Freire (1996), o ensinar é inerente ao ser humano, mas o professor no processo de ensino tem que ser inquieto, questionador, crítico, um professor pesquisador. Além disso, é imprescindível que exista respeito ao saber do aluno e aquilo que ele traz consigo.

Para isso, o ensino deve abarcar os conteúdos, mas também, o saber dos alunos, afinal, se todos os seres humanos são dotados de consciência histórica, pois está intrínseco ao mesmo, os alunos sempre terão algo a colaborar e a oferecer. Professores e estudantes devem junto escolher a maneira profícua de alcançar esses objetivos, e assim os resultados que poderão ser vistos para além dos boletins, na construção de um ser humano melhor, muito mais compreensível de sua realidade.

Como pensar o ensino de história, a história local e os seus desafios, sejam eles acerca do tempo, dos sujeitos, ou do ensino e da aprendizagem? Não existe receita correta da forma que se deva ensinar ou quais conteúdos e conceitos possam ajudar na formação dos alunos enquanto sujeitos críticos de suas realidades. Mediante a estas proposições, qual o papel do

professor neste processo? Contudo, promover o debate acerca da necessidade da reformulação da escola, dos conteúdos e da prática docente pode contribuir para solucionar desafios.

Pois com a reformulação da escola, dos conteúdos e da prática docente, abre-se a possibilidade de participação dos estudantes na elaboração do conhecimento, favorecendo ainda a eles um espaço de compartilhamento de significados e vivências. Essas reformulações se refletem na emergência de entender e promover as mudanças nos modelos que são desenvolvidos no ensino de história para que sejam desenvolvidas uma consciência histórica em que os alunos participem ativamente do processo de aprendizagem.

Para Cerri (2011), a consciência histórica é inerente ao ser humano, ou seja, todos a possuem, ela advém de nossa memória, e da memória coletiva, assim nós escolhemos nossas posições levando em consideração a nossa consciência histórica, que se compõe de nossa memória individual ou do grupo, pois o passado que compõe as nossas memórias, remete ao nosso presente e projeta o futuro. Assim, a consciência histórica além de ser inerente está em todos os espaços e deve também ser levada em consideração na escola.

No campo do ensino de história, a consciência histórica tem uma enorme importância, pois, os professores dessa disciplina participam ativamente voluntariamente ou involuntariamente, como aquele que interfere na constituição da identidade dos outros, portanto, existe aqui uma ligação entre o ensino de história e consciência histórica. Nesse sentido, um ensino de história que leve em consideração a historicidade e não somente a linearidade das coisas, percebendo-as a partir de sua própria duração e em construção conduz os sujeitos a pensar historicamente.

É necessário dentro do contexto da escola e da sala de aula entender os sujeitos, e não considerar ideias sem antes perceber o tempo, as peculiaridades culturais, posicionamentos políticos e classe social. O ensino de história deve, portanto, gerenciar o fenômeno pelo qual os saberes históricos são propostos, escolhidos e modificados, não apenas a sua exposição como se os/as alunos/as, de alguma forma, estivessem como páginas em branco e suas experiências de vida sejam totalmente ignoradas. O conhecimento que cada aluno/a traz consigo revela o quanto eles/as têm algo a colaborar e a oferecer no constructo de suas formações.

Portanto, ao mobilizar a história local como possibilidade para a aprendizagem histórica de alunos e alunas do 9º ano, revela que ao historicizar os sujeitos históricos e o lugar em que eles e elas vivem a partir do ensino de história, os/as estudantes conseguem se aproximar da

disciplina ao compreenderem os processos históricos do seu entorno como importantes para o desenvolvimento de suas histórias.

Nessa percepção, as vivências individuais e coletivas devem ser valorizadas e percebidas como objeto de investigação e conhecimento, dando sentido aos percursos dos estudantes e daqueles que fazem parte de sua comunidade, muitas vezes deixados de lado nas discussões em sala de aula. Pois, essa compreensão, mobilizada pelo refino de uma aprendizagem histórica crítica e reflexiva, potencializa os saberes escolares de alunos e alunas que reconhecem o outro e a si como agentes da sua própria história e do contexto ao seu redor.

Compreendemos, assim, a importância de propor a história da Vila de Nazaré do Fugido como possibilidade para a aprendizagem histórica da turma, a partir de um olhar crítico, reflexivo e emancipatório e que se preocupa em perceber os desafios e limites cotidianos vivenciados pela escola, professores/as e estudantes. Ou seja, da relevância de nos colocarmos frente a potência da história local como possibilidade pedagógica, mas também, dos limites e desafios postos àqueles que fazem parte desse processo.

CAPÍTULO 3

A VILA DE NAZARÉ DO FUGIDO: CONSTRUINDO IDENTIDADES COLETIVAS POR MEIO DE HISTÓRIAS

Neste capítulo, apresentamos a elaboração de um produto audiovisual desenvolvido no decorrer da pesquisa através do minidocumentário intitulado: “Vila de Nazaré do Fugido: construindo identidades coletivas por meio de histórias”, que foi produzido em parceria com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Manoel Sabino da Silva, com intuito de trazer à tona os diálogos desenvolvidos com sujeitos que compuseram a dinâmica do início ao fim do processo. Para pensar no produto, escolhemos utilizar algo que abrangesse a tecnologia e a internet que, de alguma forma, estivesse ligado tanto a minha vivência enquanto professora, quanto a dos alunos.

Concordamos com Fernandes ao inferir que:

Em uma sociedade que também se comunica através de imagens o professor- pesquisador é um profissional que precisa dominar não apenas os mecanismos de produção do conhecimento histórico, mas um conjunto de saberes, competências e habilidades capazes de fortalecê-lo na prática docente, que possibilitem a inserção das novas tecnologias e das diferentes linguagens no ensino de História Fernandes, 2012, p.22).

Contudo, cabe ressaltar que apresentar a elaboração do produto pedagógico desenvolvido no decorrer dessa pesquisa e escolher que tipo de ferramentas seriam utilizadas, foi um dos grandes desafios que tivemos de enfrentar. Pensamos em várias possibilidades, entre elas a produção de livretos, cartilhas e vídeos, embora a geração atual tenha grande prazer em assistir vídeos nas mais diversas plataformas, produzi-los é um grande desafio, escrever scripts e organizar. O que falar? O que perguntar? Por onde iniciar? Eram perguntas iniciais, mas que fervilhavam nossos pensamentos e que precisavam de atenção.

Então, começemos pelo início. Em umas das aulas de Estudos Amazônicos, levei um documentário sobre a cultura da Amazônia e propus que em conjunto tentássemos organizar e expor as pesquisas que faríamos em forma de minidocumentário por entender que este gênero na contemporaneidade embora não faça parte da realidade de todos os alunos, a maioria vive com seus celulares nas mãos, produzindo diversos tipos de registros, sejam eles em vídeos ou imagens.

A partir disso, comecei a questionar os alunos se eles conheciam este tipo de produção áudio visual como o documentário, tratei de separar alguns trechos da internet para mostrar durante a aula e despertar neles o interesse pelo tipo produção e aproximar àquilo que já fazia

parte da vivência deles como o uso da tecnologia através do celular e da internet, instigando-os com perguntas do tipo: sobre o que falaríamos na produção do minidocumentário? O que gostaríamos de abordar e perguntar durante nossa busca?

Durante algumas conversas em sala de aula deixei claro que a produção audiovisual tinha como objetivo captar a história das pessoas comuns da Vila de Nazaré do Fugido, através das lentes dos próprios alunos a fim de possibilitar a construção de identidades coletivas que outrora foram fragmentadas e uni-las a partir das nossas interpretações, não como verdades ditas, mas como outras vozes e olhares, era necessário, portanto, montar o quebra-cabeça da história da Vila.

A partir disso, entendi que a escola, a sala de aula, ou melhor dizendo, as aulas de História e Estudos Amazônicos podiam participar dessa dinâmica, embora sejam claras as dificuldades de produção desse tipo de conteúdo dentro do ambiente escolar, pois não há espaço na grade curricular do município hora-atividade para este tipo de trabalho com os alunos e muitas vezes disposição e tempo para a produção audiovisual fora do tempo de aula é desgastante, fora que a maioria dos professores ainda veem no quadro branco a principal fonte de apreensão da aprendizagem.

Por outro lado, mesmo com as inúmeras dificuldades como compreender que a história da Vila está inserida num contexto de mudanças e rupturas e completamente envolvida com a história nacional, ainda assim, os alunos apoiaram a ideia. Então, primeiramente realizamos o levantamento de material que pudesse contribuir para a produção dos vídeos, fazendo com que todo tipo de informação, locais, as ruas e os relatos das pessoas da Vila de Nazaré do Fugido servissem como fonte essencial para a construção do minidocumentário.

Os dias da pesquisa, as conversas com os moradores, os escritos catalogados, os objetos observados foram gerando perguntas no decorrer de cada entrevista, possibilitando com que todos nós aprendêssemos um pouco mais sobre a Vila de Nazaré do Fugido. A cada descoberta acerca da Vila a partir dos diálogos construídos pelos alunos, percebemos que pessoas comuns foram se envolvendo e proporcionando aos estudantes uma visão sobre as raízes do seu lugar.

Ao propor essa atividade possibilitamos provocações, criamos a chance de levantar hipóteses, formular perguntas, as entrevistas contribuíram para compreender o que é uma identidade coletiva. Para além disso, idealizar um minidocumentário junto com alunos se transformou numa excelente possibilidade de promover não somente uma visibilidade da

história local, mas o conhecimento dos elementos que constituem a Vila de Nazaré do Fugido dentro do ambiente escolar.

Para isso foi necessária uma imersão em ferramentas relacionadas a tecnologia, e utilizá-la foi um divisor de águas, pois é inegável a facilidade do seu uso pelos estudantes, mesmo com tantas dificuldades estruturais, financeiras, eles conseguiram utilizar com destreza os celulares, que neste caso foi um dos itens mais utilizados durante esse processo.

Segundo Fernandes:

Às novas tecnologias, como câmera acoplada ao celular, a utilização cada vez maior de registros de amadores, inclusive em nossas escolas. A possibilidade de postar imagens na internet torna os professores e alunos potenciais produtores de imagens, repórteres, documentaristas, produtores de audiovisual (Fernandes, 2012, p.33).

Entretanto, durante a feitura do minidocumentário, percebemos a distância dos planos para execução e a realidade, pois logo se apresentaram as dificuldades, entre elas: o difícil acesso à internet; os encontros ocorriam uma vez por semana; as chuvas que atrapalhavam os deslocamentos; as várias turmas de diferentes disciplinas em que tive de lecionar, além dos diferentes turnos que causavam dificuldade extra para promover mais encontros com os estudantes.

Nesse sentido, acreditamos ser necessário apresentar o cronograma com a descrição das atividades que realizamos em cada momento da produção do minidocumentário, desde a escolha do tipo de produto até a sua produção que, em grande parte, foi desenvolvida em parceria com os alunos durante o ano de 2024.

Quadro 2 - Cronograma de atividades para a produção do minidocumentário.

Início das atividades Relacionadas ao documentário.	Atividades	Descrição das atividades
Novembro de 2023	Oficina sobre fontes históricas.	Compartilhamos a ideia de tipos de fontes históricas.
Abril de 2024	Roda de conversa sobre Tipos de entrevistas	Em salas e aula treinamos entrevistas, entrevistando professores e alunos da Escola
Abril de 2024	Documentário	Definição do tipo de produto didático.
Maior, junho e Agosto 2024.	Primeiras entrevistas	Início das gravações de cenas, imagens e entrevistas.
Agosto 2024	Gravação de documentário	Organização e edição do documentário.

Fonte: (Eula Regina Cidade Almeida, 2023).

A pesquisa fora da sala de aula teve seu início em meados de abril de 2023, no início da pesquisa decidimos que o minidocumentário seria a uma excelente forma de agregar e incluir diversas pessoas ora alunos e ora pessoas da Vila que foi o que propomos a realizar até o encerramento em agosto de 2024. Durante esse tempo construímos pontes e elos da pesquisa, para isso nos utilizamos de várias estratégias entre eles pesquisa-ação, com a utilização da metodologia da história oral.

No primeiro momento, apresentamos o gênero documentário embasado nas ideias de Bill Nichols. Para este autor, existem seis tipos de modos de representação de um documentário, que funcionam como subgêneros, são eles: poético, expositivo, participativo, 'observativo', reflexivo e performático, para este trabalho usamos o modo de expositivo, segundo Nichols

(2002, p.135) “o modo expositivo dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história”.

Nesse caso, contaríamos dentro do minidocumentário a história da Vila de Nazaré do Fugido a partir dos diálogos e entrevistas realizadas. Assim, a nossa proposta convergia para um minidocumentário em que pudéssemos compartilhar nossos achados, para compartilhar as histórias, encontradas e vividas. Tarefa esta que não foi fácil e não se finaliza nessa dissertação, ao contrário, existem perguntas ainda não respondidas, mas que darão as bases para novos questionamentos.

Para a produção do minidocumentário, dividimos em etapas todo o planejamento que consistiu desde a aplicação de questionário, rodas de conversas, aulas-oficinas, as entrevistas e a produção do minidocumentário que permitiram aos estudantes pesquisar, investigar, ouvir e questionar e, a partir disso, reconstruir narrativas e procurar pistas sobre a participação e a experiência individual e coletiva dos moradores da Vila que através de seus relatos e de suas histórias de vida tornou possível aprender um pouco mais sobre a história da Vila de Nazaré do Fugido.

Aqui, apresentaremos os caminhos metodológicos escolhidos para desenvolver o minidocumentário, a partir de três importantes etapas: a aula-oficina, as entrevistas e a própria produção do minidocumentário, a partir do processo de construção e sua organização, incluindo as possibilidades e os desafios que surgiram durante o percurso.

ETAPA I: A Aula-Oficina: ensinando História com a participação dos estudantes

“Ensinar História passa a ser, então, dar condições ao aluno para poder participar do processo de fazer o conhecimento histórico, de construí-lo.”
(Schmidt & Cainelle, 2009, p.34)

Nesta etapa, os alunos foram convidados a participar de uma aula-oficina onde, inicialmente foram impostas algumas dificuldades por eles, talvez por constrangimento, desinteresse, entre outras razões, contudo, após algumas investidas de convite os 15 alunos da turma do 9º ano se colocaram à disposição para participar da aula-oficina. Este tipo de aula é interessante de ser desenvolvida por possibilitar condições aos estudantes de participarem do processo de fazer o conhecimento histórico em que eles também são considerados “agentes do seu próprio conhecimento, as atividades das aulas são diversificadas e intelectualmente desafiadores” (Barca, 2004, p.131).

Para esse primeiro momento escolhemos essa metodologia pois compreendemos ser uma atividade prática, que pode ser utilizada em grupo, com o objetivo de pensar um tema específico: o que eram as fontes históricas? Por meio de demonstrações e troca de experiências, os alunos poderiam explorar e aprender.

Elaboramos um tema para a aula-oficina: “Explorando Fontes de Histórias na sua comunidade”, esse momento constituiu uma fase importante das atividades e teve como objetivo apresentar as diversas possibilidades de fontes históricas na prática. Inicialmente, ainda em sala de aula, apresentamos o conceito de fontes históricas, a definição, organização e características, e como estas eram importantes para a construção da história e para a investigação.

Assim, surgiu o seguinte questionamento: “ei, professora, como podemos compreender a história da Vila de Nazaré do Fugido através das fontes históricas?”. Para responder à pergunta, resolvemos compreender também quais fontes históricas fariam parte de nossa pesquisa, assim, explicamos brevemente a história de Magalhães Barata através de uma fonte histórica escrita, ou seja, por meio do livro “Parte da História do Município de Magalhães Barata”, de 1999, do autor Erchides Ermano Modesto.

A partir disso, apresentamos o material para os estudantes como uma das possibilidades de fontes escritas, além disso, pudemos analisar ainda que embora se tratasse de um livro com vasto conteúdo que falava do município, essa fonte escrita citava a história de Magalhães Barata de forma rasteira e rasa, permitindo aos alunos criar um senso crítico através da análise da referida fonte histórica.

Dando continuidade à atividade, levamos os alunos para fora da sala de aula e durante esse momento, apresentamos os diversos tipos de fontes, a saber: materiais, iconográficas, escritas, imagéticas e orais, explicando a importância desses documentos para o trabalho do historiador, para a compreensão histórica dos estudantes e de como os resquícios podem ajudar a desvendar elementos do passado da Vila onde eles vivem.

Imagem 3 - Exposição da aula-oficina.



Fonte: (Eula Regina Cidade Almeida, 2023).

Na imagem é possível perceber os objetos e a exposição para a aula-oficina. Nesse momento, solicitamos que os alunos analisassem os objetos com atenção, a fim de que ao tocar eles pudessem perceber a materialidade, que objetos eram aqueles e como poderíamos classificar as fontes. Ao mediar perguntei aos alunos se eles conseguiam perceber o que as fontes falavam? O que eles ouviam? A resposta partiu de um aluno e foi compartilhada pelos demais e de forma risonha: “ouvir o quê, professora? Se elas não falam.

Após explicações, junto aos estudantes, conseguimos concluir que existem diversos tipos de fontes materiais, imagéticas e escritas, e durante a aula-oficina, os alunos com olhares curiosos puderam ter contato com fontes históricas de diversos tipos, fazer perguntas a elas, observar de onde podemos obter respostas. Essa atividade foi de extrema importância, pois lançou bases para a nossa pesquisa.

Conseguimos, então, instrumentalizar a aprendizagem dos alunos. Uma vez que interpretar as fontes, compreender de forma contextualizada os materiais e os relacionar com as fontes na sua intrínseca relação passado-presente, levantando questões e comunicando as suas impressões, permitiu aos estudantes aprender sobre a importância das fontes históricas para a aprendizagem histórica.

A fim de avaliar os resultados obtidos na aula-oficina, realizamos em sala de aula um breve questionário para que os alunos de forma voluntária pudessem descrever suas impressões

durante a aula-oficina, sendo que dos 15 alunos que participaram somente cinco responderam ao questionário. As perguntas realizadas sobre o tema da aula-oficina, foram:

1. Você compreendeu o conceito de fontes históricas?
2. As fontes históricas são importantes para saber sobre determinado tema, períodos ou pessoas?
3. Como elas são classificadas?
4. Conseguimos entender algum fato do passado a partir dessas fontes?
5. Qual fonte você achou mais interessante?
6. Qual fonte você acha que nós usaremos em nossos momentos?

As respostas foram a parte mais difícil de obter, pois os alunos são tímidos e a maioria deles não aceitavam naquele momento de exposição e se recusavam a responder, sendo esse um dos obstáculos a serem ultrapassados nesta pesquisa.

Contudo, a aula-oficina contribuiu de forma significativa para o aprendizado dos alunos, pois eles puderam compreender na prática sobre os métodos necessários para a construção da história, além disso trouxe à tona os desafios que nossa pesquisa teria. Assim, pudemos compreender a realidade individual de cada aluno através de seus relatos sobre suas impressões da atividade proposta.

Imagem 4 - Estudantes do 9º ano participando da aula-oficina.



Fonte: (Eula Regina Cidade Almeida, 2023).

Imagem 5 - Visitação de outros estudantes na aula-oficina.



Fonte: (Eula Regina Cidade Almeida, 2023).

Ao terem contato com as fontes históricas e compreender o conceito das mesmas os alunos foram relatando suas impressões, o aluno D. R, de 15 anos, afirmou: *“não sabia da existência de fontes históricas e que não tinha aprendido nas aulas”*, a aluna T.C disse *“ não sabia que isso eram fontes e que podíamos fazer história a partir de objetos”* a aluna R. C em sua fala cita, *“ achei muito legal professora, podemos descobrir as coisas lendo as cartas”* fazendo referência ao conteúdo lido em uma carta antiga que contará detalhes sobre a vida de uma certa pessoa.

Esse momento foi de extremo avanço pois possibilitou que o aluno pudesse estabelecer pontes entre documentos e a história, e com isso perceber que não há história sem fontes e que seria necessário usar fontes para construir quaisquer histórias que fosse. Ao continuar nossas análises pedi para que continuassem suas impressões, assim, foi a vez de P.Y perguntar: *“ professora qual destas fontes eu gostava mais?”* Retruquei, que gostava de todas, mas que elas tinham limitações, e que provavelmente usaríamos algumas delas no decorrer da pesquisa, fui questionada sobre quais usaríamos, apresentei a fontes orais como elementos necessários para nossa pesquisa e que esta seria utilizada no início ao fim do processo.

Ainda durante esse momento da oficina, a aluna G.P 15 anos, perguntou *“como um relato podia ser considerado uma fonte histórica?”*, essa pergunta foi o divisor de água para promover a conscientização acerca do valor que a oralidade tem para um povo, e que ouvir esses relatos ajuda ouvinte perceber as transformações, as continuidades pelas quais passam

uma sociedade, e que para as pessoas da vila não seriam diferentes, existiam histórias que poderiam ser contadas, e que iríamos utilizar esse tipo de fonte na pesquisa.

Por fim, destacamos que a aula-oficina ajudou de forma consistente, esclarecer para os estudantes sobre a importância de utilizar as fontes históricas no ensino e aprendizagem em história. Para além disso, possibilitou refletirmos juntos sobre a inviabilidade dessa pesquisa sem as fontes históricas, e assim, da possibilidade em abordar as diferentes maneiras de pesquisar arquivos históricos, explorar a oralidade e de entrevistar os moradores, a fim de buscar nas entrelinhas, os sujeitos negligenciados, ouvir nos relatos, os atores ora deixados de lado da história oficial.

Durante o tempo de duração da oficina, outra percepção sutil, mas trouxe à tona uma necessidade para as aulas de história, foi perceptível que os objetos, fotos, cartas, entre outros, foram capazes de envolver os alunos na aula, fazendo aquele momento cheio de significado, assim ficou claro que para a turma em questão precisávamos ser mais lúdicos, em nossas atividades e que tornar o momento mais palpável tornou esse momento mais relevante.

Nos dias posteriores organizamos os cronogramas, para ir de fato à prática, estabelecemos perguntas, dúvidas e curiosidades, não saberíamos de fato como seria o próximo etapa, mas decidimos ir a campo como veremos nos pontos a seguir.

ETAPA II: A Entrevista: ouvindo as histórias dos moradores da Vila de Nazaré do Fugido

Segundo Cerri (2001), todos os seres humanos são dotados de consciência histórica, portanto, o aluno sempre terá algo a colaborar e a oferecer, assim como seus pares também o terão, já que todos os sujeitos a possuem. A consciência histórica advém da memória individual ou do grupo, pois o passado que a compõe remete ao presente e projeta o futuro.

Nesse sentido, a consciência histórica está presente nos diversos espaços onde os sujeitos transitam e, portanto, não pode ser negligenciada. Os sujeitos envolvidos, o contexto em que aconteceu, os antecedentes ou o discurso que está imbricado seja em coisas, intuições, ideias, objetos ou situações entre outros., logo, tudo em volta pode contribuir para a aprendizagem histórica do aluno.

Para Schmidt (2009, p.62), no ensino de história existem diversos meios para que a aprendizagem ocorra, “como métodos por repetição ou por descobrimento, métodos etnográficos ou descritivos, métodos de resolução de problemas, como os estudos de caso e os

métodos de investigação”. Nesse processo, como citamos acima, optamos por utilizar a investigação por meio da história oral, considerando um meio para aprendizagem histórica dos estudantes, possibilitando a eles, ouvir histórias de pessoas comuns, fonte que eles conheceram ainda no momento de roda de conversa e possibilitou uma visão rasa mas se tornou um ponto inicial.

Cabe destacar que a história oral como um método de pesquisa privilegia o ouvir por meio da “realização de entrevistas com pessoas que participaram e ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo como forma de se aproximar do objeto estudado” (Alberti, 1989, p.52). Assim sendo, era necessário promover uma aproximação desta metodologia em relação aos estudantes.

Acreditamos que esta aproximação seria possível através das fontes orais como forma de compreender e entender sobre as experiências vividas das pessoas que moram na Vila Nazaré do Fugido e suas histórias, contribuindo, também para o protagonismo estudantil tão importante no processo formativo dos alunos. Para isso, solicitamos inicialmente que os alunos realizassem uma “busca em casa” e perguntassem aos familiares ou pessoas próximas sobre os moradores mais antigos da referida Vila, este seria nosso pano de fundo para a coleta de futuras entrevistas.

Após esse primeiro momento, fizemos um levantamento de nomes e de famílias possíveis para participar das entrevistas, assim, os alunos foram levados a compreender um pouco mais sobre o trabalho com a oralidade, e que esta seria a nossa metodologia para compreender sobre a história local. Com esse levantamento, chegamos ao número de 18 pessoas, as quais, seriam ouvidas durante a pesquisa, fazendo com que nós organizássemos uma imersão em sala de aula sobre como fazer, o porquê, a metodologia e os procedimentos durante a execução da pesquisa.

Nesse sentido, trabalhamos em sala de aula conceitos relacionados as entrevistas. Pois, concordamos com Thompson quando o autor infere que trabalhar com entrevistas, como passo de pesquisa exige do/da entrevistador/a algumas qualidades como “o interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar” (Thompson, 1992, p. 254). Além de qualidades que se deve ter para a realização das entrevistas, a mesma deve ocorrer de forma estruturada e livre.

Então com o intuito de realizar as entrevistas de maneira que pudesse deixar os entrevistados mais à vontade, realizamos em sala de aula uma espécie de ensaio, onde convidamos o professor Raimundo Renê para participar do momento, realizando perguntas a

ele, estabelecemos balizas de como poderíamos fazer com os entrevistados para além da sala de aula. A imagem a seguir retrata esse momento.

Imagem 6 - Treinando as entrevistas.



Fonte: (Eula Regina Cidade Almeida, 2024).

A imagem acima retrata o momento em que sugeri aos alunos e as alunas que em conjunto elaborássemos um roteiro de perguntas que faríamos para a entrevista exploratória. Assim, alguns dias antes, pensamos juntos nas perguntas que faríamos, onde a aluna T.C sugeriu que iniciássemos pelos nomes, idades e profissão, então em equipe, elaboramos algumas ideias de quais perguntas gostaríamos que fossem realizadas.

Em meio a estas perguntas, sugerimos que deixássemos as pessoas livres para responder e para falar aquilo que lembravam no decorrer da entrevista, eles e elas concordaram. Segue a descrição da entrevista realizada em sala de aula, com as perguntas elaboradas pelos alunos durante a elaboração do roteiro.

Aluna T. C: Qual seu nome? E sua idade?

R.R. meu nome é Raimundo Renê.

Aluna T.C: Qual sua profissão?

R.R: Sou professor de matemática, já trabalho aqui a 31 anos, nesta escola a 15.

Aluna T.C: A quanto tempo você mora na Vila de Nazaré do Fugido?

R.R moro nessa região a 32 anos, que dou aula por essas bandas.

Aluna T.C: Quais transformações são visíveis na vila Nazaré do Fugido?

R. R: Aqui tudo era diferente, incluindo os alunos, estudavam mais [risos...], mas a vila mudou um pouco depois do asfalto, principalmente.

Aluna T.C: O senhor já ouviu algo sobre a origem da nossa Vila?

R.R: Olha o que eu ouvi tem relação com a cabanagem, que fugiram e fixaram aqui, mas que tinha gente de vários lugares.

Ensaiar/treinar as entrevistas concebemos como a melhor maneira de dar início ao trabalho, pois os estudantes puderam mediante a uma “entrevista exploratória”, mapear o campo, selecionar ideias e informações a fim de definir o problema e localizar fontes capazes de resolvê-lo. Assim, este momento serviu para aproximar os alunos a este tipo de metodologia, permitindo a eles mais familiaridade para a realização das futuras entrevistas com os moradores da Vila de Nazaré do Fugido.

Destacamos que este foi um momento divertido, embora alguns dos alunos demonstrassem vergonha e certa dose de falta de interesse, a maioria deles se engajaram no processo, deram dicas, fizeram perguntas e se mostraram solícitos em participar da pesquisa. É importante frisar que a pesquisa nunca teve a intenção de transformar o aluno em historiador, e sim de proporcionar momentos de engajamento com a disciplina, e ajudá-los a compreender sobre a história local.

Após esse momento, ainda em sala de aula, realizamos um levantamento de dados, escolhemos os nomes que poderiam participar da pesquisa, pois queríamos saber o que as pessoas conheciam sobre a história da Vila, quais eram suas memórias sobre o lugar, o que nos encontraríamos no processo?

Nesse sentido, mesmo aceitando participar, as entrevistas foram uma etapa desafiadora para todos nós, ora a desconfiança em receber os alunos para conversar ou mesmo pela carência de pessoas disponíveis para o trabalho, visto que grande parte dos moradores da região já são idosos e não tinham mais interesse ou possibilidades de conversar, fazendo com que poucas pessoas se juntassem a nos nesta jornada, porém, os que se dispuseram fizeram com entusiasmo e alegria, demonstrados apreço pela atitude dos alunos em conhecer o lugar deles.

Nas próximas linhas analisaremos as fases que se sucederam, a partir das entrevistas, mas antes mesmo começamos a coletar os primeiros dados sobre a Vila de Nazaré do Fugido,

quantidade de casas, ruas e pessoas, percebemos a presença negra, indígena e europeia e suas heranças culturais que ainda fazem parte do dia a dia da Vila.

As andanças no sol do primeiro semestre foram importantes para olhar as ruas, os igarapés e entender que tudo estava conectado, e que precisávamos entender juntos como havia iniciado, esse processo foi longo e nada fácil, e por muitas vezes pensei em abandonar, considerando o cronograma apertado, o fato de lecionar para muitas turmas, com disciplinas diferentes foi um grande desafio, mas o tempo tratou de nos encorajar a finalizar o ciclo, as idas e vindas revelaram que a Vila do Fugido seguia o seu ciclo, e os alunos estavam cada vez mais envolvidos na pesquisa.

Começamos a visitar algumas pessoas próximas a escola com intuito de explicar nossos anseios, fomos bem recebidos na maioria das casas os moradores demonstraram curiosidade e interesse na participação. As perspectivas dos moradores trouxeram dinâmicas e se mostraram muito importantes nesse processo pois, conectou os alunos, auxiliando a perceber a riqueza da histórica e cultural do seu lugar, despertando neles a curiosidade e apreço. Entretanto, esta etapa, mais uma vez mostrou as dificuldades que seriam compreender e fazer história, precisaríamos de tempo, esforço e dedicação, e assim iniciamos a trajetória fora dos muros da escola, nossa aula seria nas ruas.

Imagem 7 - Entrevista com dona Felismina, moradora da Vila.



Fonte: (Eula Regina Cidade Almeida, 2024).

A primeira pessoa a ser entrevistada foi Dona Felismina, de 78 anos. Abriu sua casa para conversar conosco sobre suas percepções e memórias sob da Vila de Nazaré do Fugido, o lugar onde nasceu e é conhecida como dona Feliz. Em seu saudoso relato, contou um pouco sobre a sua vida, que nasceu a dois quilômetros da Vila e ao consultar suas memórias lembrou de tempos em que a roça ocupava o centro e dinâmica econômica, cultural e social, contudo, mostrando agora que percebia as mudanças que os novos tempos trouxeram. Quando questionada sobre o que mais gostava e sentia falta, relatou:

Meu coração chora de não poder ir para roça, pra fazer minha farinha pra comer e pra dar pra quem eu, quiser! A farinha está cara! E hoje em dia ninguém quer mais ir pra roça, só querem caneta (Felismina. Entrevista realizada em abril de 2024).

Atualmente na Vila de Fugido poucas pessoas ainda sobrevivem da roça. Essa atividade que antes era vista como “sagrada”, de onde tiravam o essencial para a subsistência, produtos como farinha, macaxeira, arroz e verduras faziam parte da colheita, porém, dona Feliz lembra que o trabalho com a terra hoje é visto de forma pejorativo, para ela, não pode haver ambição.

Então dona Feliz relatou o seguinte: *“hoje só querem caneta”*, refletindo que o trabalho é deixado de lado, pois acreditam que não há retorno, que é muito pesado e difícil. Então ela continua: *“pra mim a falta da roça, diminuiu muito, as pessoas não tem. É contado as pessoas que aqui neste lugar que tem roça, é contado!”*.

Os alunos atentos às falas anotavam e tentavam entender quais as mudanças, e quais os aspectos que ainda se mantinham nas suas vidas cotidianas, quais sementes tinham sido plantadas pelas gerações anteriores, e quais destas árvores davam sombras para eles atualmente. O relato de dona Feliz nos ajudou a compreender que não foi somente na parte estrutural da Vila que foi transformada, mas a mentalidade e a base econômica haviam mudado ao ponto de diminuir a atividade agrícola, afetando a vida das pessoas em diversos âmbitos.

Aqui, temos um contraponto. Durante a pesquisa, percebemos que partir das falas que a roça já foi um dia uma atividade importante e principal da Vila de Nazaré do Fugido, mas que atualmente está em declínio, por inúmeros fatores que não são objetos de investigação nessa pesquisa, alguns alunos após as entrevistas e durante conversas aleatórias, relataram que ainda veem valor na roça e que gostam do trabalho.

Imagem 8 - Alunos/as registrando o momento de entrevista.

Fonte: (Eula Regina Cidade Almeida, 2024).

A imagem acima retrata o aluno Geovane Assunção da Luz, 15 anos de idade e disse não haver problema mostra-lo na pesquisa. Ele relatou o seguinte: *“eu gosto da roça professora, gosto muito e vou com meus pais sempre que eles mandam, mas eu gosto de estar lá, plantando as coisas, pra fazer farinha, não acho ruim não”*.

A fala do aluno Geovane ajuda a perceber que este declínio perpassa pela valorização da atividade laboral, visto que por conta de todas as dificuldades no plantio, de instrumentos, de apoio financeiro é um trabalho penoso e que gera um desgaste no corpo, sendo um destes motivos para pais e mães, não apoiarem a perpetuação da atividade.

Por outro lado, o relato de dona Feliz foi a porta de entrada para entender um pouco mais sobre o lugar como aspectos do trabalho e da religiosidade tão forte e arraigada na vida dos moradores da localidade, lembrou das festas e festejos realizados em todos os anos e como haviam diminuindo nos anos posteriores. Lembrou do barco grande que outrora navegava pelo rio que hoje se tornou um igarapé raso e dos produtos que eram comercializados no porto pequeno da Vila, do trânsito de pessoas que iam e vinham para outros lugares, incluindo a cidade de Belém.

Com os relatos de dona Feliz, os/as alunos/as puderam compreenderam que a Vila tinha mudado muito, apresentaram dúvidas e entusiasmo, eles queriam saber um pouco mais, assim, começamos a montar a linha histórica da Vila com os relatos de outras pessoas entrevistadas.

A segunda entrevistada foi a senhora Raimunda Alves Ferreira Garcia, de 86 anos, conhecida como Magá, uma senhora já de cabelos brancos nos relatou importantes memórias.

Imagem 9 - Dona Magá relatando importantes memórias.



Fonte: (Eula Regina Cidade Almeida, 2024)

Inicialmente sugeriu que aquilo que ela iria falar, os alunos já sabiam, pois ela já havia colaborado com trabalhos acadêmicos, mas que não havia sido utilizado em sala de aula. Dona Maga considerou isso ruim, pois o conhecimento não era partilhado para os alunos, então não trazia evidência para a Vila.

Segundo dona Magá, ela tinha material escrito que ao resumi-lo, cita que:

O fugido era um povoado, e depois povoação e depois foi Vila. Minha mãe Avelina Alves Ferreira, nasceu e se criou aqui, e eu também, tenho 86 anos, trabalhamos na roça a vida inteira. Plantava maniva, milho, feijão e arroz, trabalhava com fibra chamada de malva, a gente vendia pros comércios. Tenho saudades da roça, hoje em dia ninguém quer sujar a mão na terra! Né? Só quer a caneta e pra pegar na caneta custa um bocado né? Exige, trabalho, muito esforço (Raimunda Alves Ferreira Garcia. Entrevista realizada em abril de 2024).

Ainda corroborando com seus relatos, ela nos disse que algumas seis famílias foram a gênese da Vila, incluindo a dela, que ainda hoje faz parte desse local. Ela nos lembra das dificuldades que sua família teve por falta de acesso à educação, saúde entre outros. Lembra que no passado, a Vila era cheia de caminhos e não existiam ruas, todos trabalhavam na roça plantando diversos produtos oriundos dessa produção e que abasteciam os pequenos comércios locais. Falou sobre os tempos em que o rio era utilizado por boa parte das pessoas sobretudo os comerciantes.

Os comerciantes eram todos judeus, bem ali no matagal era um comércio de Odilon que é judeu, ali na casa da feliz tinha outro Jorge, também judeu, tinha outro em Magalhães Barata, o Salles está lá a casa dele, e um que mora no campinho Marmute, tudo judeu, vinham de vários lugares (Raimunda Alves Ferreira Garcia. Entrevista realizada em abril de 2024).

Durante a conversa ela citou que no povoado existiam os árabes, judeus, paraenses e nordestinos, os primeiros eram comerciantes que formavam as relações sociais e econômicas do local, lembrou de como era movimentado a partir do pequeno porto, onde ocorriam as vendas de farinha e de outros produtos, e de como o Rio Fugido era visitado por compradores, vendedores oriundos da capital.

Mais uma vez ouvimos sobre a transformação que a Vila sofreu, agora, estava diferente e um item chamou atenção: a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, que outrora era para a entrada do município de Magalhães Barata como ocorre na maioria das Vilas e povoados da Amazônia, estava de frente para o rio, as estradas transformarem esse layout, mostrando que a Vila do Fugido, assim como outras, passou por processos peculiares e tão comuns a outras regiões.

O relato de dona Maga nos fez perceber sobre configurações alteradas, passando pelo processo da modernização lento, mas que desembocaram no momento atual, em meio a tantas transformações percebidas por outros sujeitos.

O terceiro entrevistado foi o senhor Edmilson Pinheiro da Silva, também conhecido como Mestre Caçamba, de 66 anos, artesão e agricultor, e por toda sua vida de compositor, criou versos que falam sobre temas do cotidiano e principalmente sobre a Vila do Fugido, como o rio, demonstrando seu respeito e afeto por seu lugar.

Mestre Caçamba, chamou atenção sobre a grandeza que um dia fora o Rio Fugido, corroborando as falas de dona Feliz e de dona Maga, dividiu com alunos, que no passado era um rio muito grande, mas que estava diminuindo com o tempo, lembrou que aprendeu o artesanato com seus pais, e que os primeiros itens era o famoso paneiro, que a avó ensinou a ele as habilidades com as mãos e as características físicas.

O relato nos fez pensar sobre a presença indígena, mas logo nossa dúvida pôde ser esclarecida. Segundo Mestre Caçamba, sua avó era indígena e vivia próxima ao vilarejo, lembrou que ouviu dela que sua tataravó morava em cabanas na beira do rio e que havia fugido da Cabanagem, e se escondiam por ali. Lembrou que era uma vila composta de poucas casas, mas que havia mais árvores, contou aos alunos que percebia como morador que mora próximo ao rio vem sofrendo com o desmatamento e que teme que logo mais será apenas uma lembrança,

mesmo com a luta de alguns deles, o rio está baixando em razão da retirada de árvores da cabeceira. Segundo ele:

Esse rio era muito bonito, hoje está acabado! [...] o pessoal vai tirando a cabeceira do rio, vão desmatando tudo, e aí claro que o rio sente também, é tipo a gente também, tirando um dedo já não fica bacana, assim mesmo é o rio, se tirar os paus, as plantas da beira do rio, os paus chamam água, se não tiver raiz, a água vai embora (Edmilson Pinheiro da Silva. Entrevista realizada em abril de 2024).

Através do relato de Mestre Caçamba, os alunos puderam perceber que diferentes povos tinham formado a comunidade, índios, europeus, árabes, nordestinos que contribuíram para um mosaico de cultura. Desse modo, vemos que a Vila experimentou uma das características da sociedade brasileira, a miscigenação e além disso, os alunos puderam perceber que as mudanças não eram somente de caráter social, mas também, ambiental e econômico e que todas as escolhas feitas no passado, tinham total ligação com as suas vidas no presente.

Imagem 10 - Mestre Caçamba com os estudantes.



Fonte: (Eula Regina Cidade Almeida, 2024).

A imagem retrata Mestre Caçamba com os estudantes, relatando sobre a riqueza cultural presente na Vila de Nazaré do Fugido a partir das músicas e dos versos, além dos trabalhos manuais desenvolvidos, e o quão seria valioso propagar o apreço e respeito pelo Rio, difundidos através das canções de Mestre Caçamba.

O quarto entrevistado foi o senhor Hilário da Silva Ferreira, de 88 anos, agricultor, nasceu na Vila, nos contou sobre a quão pequena ela era, falou de tempos em que todas as pessoas viviam da roça, e trabalhavam nela. A terra era o principal sustento, fez uma analogia

em que comparou as pessoas de viviam lá hoje já não sentem interesse pela terra e pela agricultura, tão importantes para economia local.

Imagem 11 - Senhor Hilário relatando sobre a história da Vila do Fugido à professora.



(Fonte: Eula Regina Cidade Almeida, 2024).

Endossou mais uma vez sobre um grande mercado que havia, e que era abastecido pela produção da Vila. Assim, relatou sobre as dificuldades de acesso naquele tempo, não havia estrada, eram na caminhos, lembrando do papel que o Rio Fugido exerceu no processo de crescimento da Vila. Perguntamos, então, se ele sabia a respeito da origem do nome Vila de Nazaré do Fugido, e ele respondeu:

Olha foi o seguinte: no tempo da Cabanagem, da guerra dos Cabanos, então eles vieram se esconder aqui, nesse igarapé aí! Esse igarapé aí não tinha nome, e nem a vila não tinha nome, quando passou o movimento eles voltaram, aí um professor chamado Sabino, sempre levava os moleques pra tomar banho no igarapé bonito, uma das crianças achou uma imagem que caiu de um fofoia, quando foi levada ao padre ele disse que era uma imagem de Nossa Senhora de Nazaré, por isso o nome da vila (Hilário da Silva Ferreira. Entrevista realizada em abril de 2024).

Seu Hilário ouvia de seu pai que a Revolta da Cabanagem que ocorreu em 1835 também esteve ligada à Vila de Nazaré do Fugido justamente porque os seus moradores antigos estavam fugindo dessa Revolta e lá encontraram abrigo e proteção, o nome advém dos fugitivos da guerra, e Nazaré da forte religiosidade local.

O quinto entrevistado foi o senhor Alexandre. Ele afirma que a Vila atualmente continua passando por intensas transformações, entre elas, a floresta que vem sendo desmatada

e diminuindo no decorrer dos anos, nos falou sobre sua profunda preocupação, pois, atualmente, ele compõe o rol de moradores que ainda possui alguns hectares de terra, mesmo recebendo diversas ofertas e tentativas de compra, se recusa a vender suas terras e se mantém firme em não aceitar, acreditando que ao manter a terra ele mantém também a floresta e os igarapés vivos.

Imagem 12 - Senhor Alexandre (ao centro) com alunos/as e a professora.



Fonte: (Eula Regina Cidade Almeida, 2024)

Percebemos em seus relatos a grande preocupação do senhor Alexandre com o meio ambiente, com o lugar onde vive, visto que o Fugido é hoje uma vila completamente tomada pelas grandes fazendas. Seu relato revela a preocupação.

Enquanto eu viver não venderei essa minha Terra depois que eu me for se os meus filhos quiserem vender é eles, mas eu não vendo. Eles querem fazer fazenda eles não querem deixar, se não tem arma você tem calor se não tem árvore não tem Rio e eles querem derrubar tudo (Alexandre. Entrevista realizada em abril de 2024).

A preocupação que o Senhor Alexandre apresenta em sua fala durante a entrevista, infelizmente não é compartilhada por grande parte dos moradores, pois em face de diversas dificuldades, venderam suas terras para fazendeiros, e estes, por sua vez, aumentaram pastos para gado, favorecendo a uma diminuição considerável ao acesso das pessoas à terra, afetando negativamente a produção de alimentos ou mesmo a roça como meio de subsistência. Isso explica os relatos de outros entrevistados como o de dona Feliz, ao lembrar o tempo em que as pessoas tiravam da roça seu principal sustento e hoje não há terra disponível para se plantar.

O senhor Carlos Gomes, 57 anos, professor da rede municipal de ensino, onde trabalha a 25 anos, reflete sobre sua jornada de vida na Vila de Nossa Senhora de Nazaré do Fugido.

Imagem 13 - Professor Carlos relatando suas percepções sobre a Vila do Fugido.



Fonte: (Eula Regina Cidade Almeida, 2024).

Em seu relato, conta suas percepções sobre as grandes transformações que a Vila sofrerá no decorrer dos últimos anos. Segundo ele:

Quando aqui cheguei, em Nazaré do fugido era apenas um povoado, bem pequena, poucas casas distante das outras, a vila foi ficando mais povoada, a ponte dos igarapés, a água esbarrava lá na ponte, e hoje você ver la, se tirar a tabuinha mão da nem pra molhar o pé, isso são transformações de grandes mudanças, antes era cheio de árvores agora é só fazenda, que, você vê hoje futuramente não verá mais os igarapés, vai ser só um córrego, tudo é fazenda (Carlos Gomes. Entrevista realizada em abril de 2024).

O relato do senhor Carlos, corrobora a fala dos outros entrevistados que assistem às transformações que a Vila tem experimentado no decorrer dos últimos anos, e contribui para a contribuição de uma consciência ambiental dos alunos/as. Aos poucos, as entrevistas foram tomando forma com as contribuições de outros moradores que se dispuseram em participar desse momento importante de construção de saberes, e através das contribuições possibilitaram aos alunos/as um entendimento mais profundo sobre as raízes da Vila de Nazaré do Fugido, bem como, despertou neles curiosidades em relação a sua história. Foi perceptível o interesse dos/das estudantes em compreender a história do lugar em que eles nasceram.

Entre os vários participantes, ouvimos o aluno Emerson. Ele nasceu e cresceu ouvindo sobre as histórias da Vila de Nazaré do Fugido, vivenciou os festejos e participou de momentos

culturais que a vila, por muito tempo experienciou, como a Festividade de São Benedito. Ele fala das histórias que ouviu de seus pais, avós e tios que rechearam a mentalidade e as memórias sobre o lugar que por toda vida viveu.

Lembrou que certa vez seu avô lhe contou que o Fugido tinha nascido à margem do igarapé, que ainda não tinha nome, num lugar que era chamado Cofá, segundo Emerson:

Cofá era um lugar que meu avô falava, as pessoas chegavam lá, pelo rio Marapanim, fugiam da guerra da Cabanagem tinham vindo se esconder nesse lugar, lá foi o primeiro lugar antes do fugido, o primeiro núcleo de pessoas, as pessoas que queria recomeçar (Emerson. Entrevista coletada em sala de aula em maio de 2024).

Segundo Emerson, Cofá se refere a um lugar mais abaixo do Rio Fugido, pelo menos uns 2 quilômetros descendo o rio e lá foi o lugar em que os primeiros moradores, suas tataravós, por exemplo, se estabeleceram. Tornando-se, assim, o primeiro núcleo de moradores de Vila Nazaré do Fugido. O relato de Emerson foi de suma importância para os alunos correlacionarem a vivência de todos que vivem e compartilham histórias da referida Vila, como pode ser percebido nas entrevistas.

Portanto, as entrevistas concedidas pelos moradores da Vila de Nazaré do Fugido, possibilitou com que todos nós (professora, alunos e moradores) pudéssemos pensar e refletir sobre suas histórias, as convergências, como a vila foi se estabelecendo ao longo do tempo, as mudanças e permanências e, mais do que isso, o desenrolar de um processo histórico tão importante para a compreensão da identidade coletiva dos sujeitos que naquele lugar residem.

ETAPA III: A Produção do Minidocumentário

Como fora dito anteriormente, nos propomos a criar um minidocumentário chamado de Vila de Nazaré do Fugido: construindo identidades coletivas por meio de histórias. Embora seja clara a dificuldade de produção desse tipo de conteúdo dentro do ambiente escolar, realizar este feito enchia nossos corações de esperança, seria possível? Eram dúvidas que fizeram parte durante todo o processo. E Sim, foi possível, no entanto não foi fácil,

E uma grande dificuldade, é que não havia tempo para essa atividade, e nem espaços no planejamento da escola, isso gerava um outro calo, e inicialmente a pouca disposição de boa parte da comunidade em abraçar o projeto. Geralmente nós professores, somos engessados para a produção audiovisual, em razão de não ter afinidade, a maioria de nós, ainda vê no quadro a principal fonte de produção, e propagação de aprendizagem.

Em meio a todas estas dificuldades seguimos na elaboração do nosso roteiro, que deveria ser pensado a partir das nossas perguntas iniciais, quais eram as histórias que ouviríamos sobre a vila de Nazaré do Fugido?

Os alunos mesmo com dificuldades apoiaram a ideia, e começamos a montar como seria a nossa empreita de organizar tudo que havíamos catalogado, como citado no capítulo dois, deixamos os entrevistados livres para responder e falar o que se sentiam à vontade sobre o que sabiam a respeito do início do seu lugar, mesmo assim propomos perguntas balizadoras.

Com a coleta das entrevistas, partimos para um passo igualmente importante: o levantamento de material necessário para produzir o minidocumentário. Utilizamos durante as entrevistas dois celulares para obter o máximo de imagens possíveis, pois não sabíamos, de fato, quais imagens seriam possíveis utilizar na produção e edição do minidocumentário, além disso, não pudemos contar com outros recursos para a produção do produto didático a não ser os que eram de minha posse e de outro aluno.

Um das dificuldades foi conseguir utilizar os materiais colhidos, a falta de uma boa resolução de vídeos, além problemas nos áudios resultados da falta de técnica, pois em quase todas as fases deste trabalho e realizamos de forma não profissional as capturas de imagens.

A escolha dos cenários do minidocumentário foi decidida em conjunto com alunos. Assim, consideramos importante iniciar com a frente da igreja de Nossa Senhora de Nazaré, depois a praça da vila, as ruas, os igarapés, e a casa das pessoas onde se realizavam as entrevistas. Esses lugares e momentos nos ajudaram a construir nosso produto pedagógico, cujo objetivo é ser utilizado como fonte para entender a história local da Vila de Nazaré do Fugido em Magalhães Barata-Pará.

Durante as aulas, em momentos anteriores a gravação dos vídeos, os alunos realizaram um trabalho de campo com registros de fotografias de vários pontos da vila, locais como construções, as decorações, os estilos e a natureza, estes registros foram arquivados e posteriormente analisados para fazer parte desse memorial tão importante que foi a produção do minidocumentário, esse envolvimento dos alunos se tornou um ponto chave na construção desse produto.

A gravação de vídeos que mais tarde seriam inseridos e editados para o mini documentário, aconteceram no ano de 2024, nos meses de abril e março, com pausas causadas por inúmeros atropelos e necessidade de reorganização. Nesse sentido, em meados de junho

retomamos, contudo, paramos novamente devido às férias escolares, sendo possível finalizar essa parte da produção somente em agosto.

Antes mesmo de gravar as primeiras cenas foi necessário aprender a manusear o celular para esse tipo de produção, como enquadrar as cenas, os movimentos da câmera, muitos treinos de falas, dúvidas de como associar os momentos. Mesmo com esses desafios, conseguimos transpor as dificuldades e finalmente destacar quais cenas e quais momentos iriam compor o minidocumentário.

Cabe ressaltar que produzir um minidocumentário foi umas das tarefas mais difíceis que já tive na minha atuação docente, pois mesmo com a colaboração assídua dos estudantes, ainda assim, houve inúmeras dificuldades que causaram desânimo e conseqüentemente vontade de parar, por várias vezes, o desenvolvimento do minidocumentário foi deixado de lado e acreditamos que não seria possível concluir.

Nesse roteiro para a produção do minidocumentário, os alunos iniciaram as entrevistas perguntando aos moradores da Vila o seguinte: “há quanto tempo eles moravam na Vila Nazaré do Fugido?” Queríamos saber através da pergunta, quantas gerações ali habitavam, uma tentativa de tornar preciso os anos de existência da Vila, obter informações acerca de sua fundação, e quais eram as características que haviam mudado ou permanecido.

A outra pergunta foi: “o que havia mudado na Vila durante esse tempo?” E quais destas mudanças traziam melhorias ou problemas para as pessoas. Ao fazer esta pergunta os alunos poderiam perceber as permanências. Outra dúvida foi: “de que forma eles viam e percebiam as mudanças, estas eram positivas ou ruins?” “Quais memórias tinham sobre a origem?” “Quais histórias ouviram durante a vida?”.

Ao definir as perguntas, e quais as motivações propomos aos alunos para que tentassem extrair respostas subjetivas das pessoas durante as entrevistas, orientamos deixa-las livres, para estabelecer pontes de confiança para que elas contassem suas histórias de forma tranquila, todavia que começam com perguntas balizadoras, assim partimos em busca de informações das pessoas que moravam perto da escola, se elas sabiam algo a respeito da vila, nas linhas a seguir explicamos esse momento, de encontro e partilha entre escola e comunidade.

Para iniciar as primeiras cenas e entender o que precisávamos descobrir, propus aos alunos que saíssemos nas ruas da vila e perguntássemos para as pessoas o que elas saberiam dizer, a respeito da origem da vila de Nazaré do Fugido, esse momento foi bastante proveitoso, andamos algumas quadras para ouvir o que as pessoas tinham a dizer sobre o Fugido.

O senhor Moisés, 52 anos, mecânico, residente da Vila e por toda a sua vida, desde menino, ouviu acerca da história do Fugido foi uma das pessoas que se dispuseram a conversar conosco. Abaixo, registramos o relato desse momento, assim como, o registro fotográfico:

Aluna Raquel Monteiro: Gostaríamos de saber Senhor Moisés, o que o Senhor sabe da origem da Vila Nazaré do Fugido?

Moises: que tô sabendo né da origem, de Nazaré do Fugido, que os cabanos vieram pra cá e ficou né, esse nome, onde se esconderam né da guerra, e por isso né que ficou esse nome Nazaré do Fugido, e tinha uma santa que foi encontrada no rio ali embaixo, no igarapé que se chama Pontezinha, e é por isso que é Nazaré (Entrevista realizada em março de 2024).

Imagem 14 - Seu Moisés lembrando histórias sobre a Vila do Fugido.



Fonte: (Eula Regina Cidade Almeida, 2024).

Outras pessoas participaram desse momento que chamo aqui de pesquisa exploratória, um exemplo foi o senhor Raimundo, comerciante. Segundo ele, não sabia nada da história da Vila, mas gostaria de conhecer.

Outras pessoas, como o senhor Rômulo, de 76 anos, participou das perguntas, e quando questionado sobre a história da Vila, respondeu: *“olha a origem, que eu sei, iniciou, com um pessoal que chegaram fugido, aí o pessoal andou atrás e eles se esconderam aí, e aí colocaram o nome do Rio Fugido, e depois Vila de Nazaré do Fugido.*

Imagem 15 - Seu Romulo, relatando a origem da vila.



Fonte: (Eula Regina Cidade Almeida, 2024).

A fase seguinte era entender um pouco sobre a Vila, sobre as pessoas, através dos relatos, para isso seguimos a indicação e escolha de pessoas que seriam entrevistadas, o passo seguinte foi conversar, explicar, expor as nossas inquietações, e convidar para a participação da pesquisa. Alguns declinaram do convite, por razões desconhecidas optaram por não participar das entrevistas ou dos vídeos, outros decidiram participar e fazer parte do momento.

Após esses percursos, intitulamos o minidocumentário de “Vila de Nazaré do Fugido: construindo identidades coletivas por meio de histórias”. Embora seja clara a dificuldade de produção desse tipo de conteúdo dentro do ambiente escolar, realizar este feito enchia nossos corações de esperança, seria possível? Eram dúvidas que fizeram parte durante todo o processo. E sim, foi possível, no entanto não foi fácil,

Ao produzir o minidocumentário, propomos romper com a ideia de que alunos são meros expectadores no processo de ensino e aprendizagem. Ao envolvê-los na pesquisa como participantes ativos na construção do conhecimento, puderam se sentir importantes e entusiasmados com o novo. Transpor as paredes da sala de aula possibilitou a eles apreender o conhecimento histórico a partir de outros atores; a sala de aula se tornou a casa de um entrevistado, a pracinha, a beira do rio, possibilitamos empatia, paciência e o amor ao próximo.

Ressaltamos que cada entrevista proporcionou doses de descobertas acerca da vila, sobretudo dos diálogos construídos pelos alunos e alunas junto aos entrevistados. Esse caminho nos fez perceber que os sujeitos envolvidos tinham histórias distintas, mas que estavam emaranhadas, na história do Fugido, e que cada uma delas possibilitou conceber uma visão mais

profunda sobre as raízes da Vila de Nazaré do Fugido que possui características próprias a partir das vivências de seus moradores.

A primeira moradora citada no capítulo 2, nos fez entender que quais eram as bases econômicas da vila no passado, comparando a atualidade conseguimos compreender, o quanto a agricultura de subsistência havia diminuindo, que a roça tão presente na falas dos moradores, já não era praticada, a não ser pelos mais idosos, os alunos foram confrontados a questionar, pensar e refletir sobre vários temas, e a pensar no futuro afinal como estará o lugar que eles vivem daqui a alguns anos? Ainda poderão tomar banhos de igarapés? a macaxeira será pranteada onde? É a farinha, compraram nos supermercados? Embora sejam perguntas simples elas nos fazem pensar em todas as transformações que a sociedade experimenta e que nem sempre elas são positivas.

Enfim, todo o percurso, cada entrevista, cada passo dado para a conclusão desse trabalho continham uma dose de descobertas acerca da comunidade, a partir dos diálogos construídos pelos alunos e alunas junto aos entrevistados. Esse caminho nos fez perceber que os sujeitos envolvidos tinham histórias distintas, mas que estavam emaranhadas, na história da Vila de Nossa Senhora de Nazaré do Fugido, e que cada uma destas histórias nos proporciona uma visão mais profunda sobre suas raízes.

Passamos a compreender a história da Vila com um pedaço do mosaico da região do Salgado, porém, com suas características próprias, vivências e religiosidade. E uma das intenções deste mini documentário, realizado e criado em parceria com alunos e alunas, era poder perceber observar no cotidiano essas particularidades.

Uma das maiores dificuldades para a criação deste trabalho foi criar meios para a compreensão dessa história, visto que estamos dentro de um contexto de mudanças e rupturas. E para os estudantes, observar e vivenciar essa história, percebendo as relações sociais, que existem ou que houve um dia, e conseguir fazer esta ligação com o presente e passado.

Foi desta forma, que o documentário nasceu, na tentativa de propor questionamentos sobre a comunidade que anteriormente viveu, observando permanências, rupturas e continuidades, durante o as gravações conseguimos perceber nas falas dos moradores, construindo as nossas percepções sobre a Vila de Nossa Senhora de Nazaré do Fugido em Magalhães Barata no estado do Pará.

Imagem 16 – Turma do 9 ano da escola Manoel Sabino da Silva



Fonte: (Eula Regina Cidade Almeida, 2024).

Participaram ativamente da construção deste produto e pesquisa pais, professores/as, alunos/as e a comunidade escolar, mas quem ocupou o lugar de protagonismo foram os/as estudantes, rompendo todas as dificuldades que a vida lhes impõe, as barreiras silenciosas que surgiram no caminho, mas contribuindo sempre para o desenvolvimento desta dissertação.

Ao final da pesquisa realizei algumas perguntas que registramos no documentário, sobre quais tinham sido as impressões do nosso trabalho, quando perguntadas sobre a importância do documentário para a vida delas, respondeu

T.C: esse trabalho contribuiu muito para o nosso crescimento, fizemos visitas, e isomorfismo de imensa importância para nos conhecermos e conhecermos a história da nossa vila, e muitas coisas a mais que nos conseguimos retirar das pessoas que nós fomos visitar na pesquisa, e foi muito importante para o meu conhecimento.

Outra aluna respondeu:

G.P: bom, a gente falou bastante sobre os rios, as histórias contadas e também conversamos com muitas pessoas da vila, e isso foi muito importante para nós.

Outra aluna colaborou afirmando:

R.P: foi importante porque nós descobrimos coisas e tivemos muito aprendizado coma nossa pesquisa, nos perguntamos pros idosos, nós descobrimos, nós aprendemos com isso.

Em uma outra fala a aluna:

L.F: esse trabalho foi muito importante pra mim e pros meus amigos conhecer um pouco sobre a história do fugido daqui da vila de Nazaré do Fugido.

Esse trabalho me deu a chance de observar a dedicação dos alunos durante a pesquisa, foi o ponto máximo deste trabalho, ver o engajamento, a preocupação e dedicação que eles dispensaram sobre cada fase. Acredito que essa era a tal aula encantada que sempre procurei, uma aula em que meu aluno participe, que ele faça e que ele produza no decorrer do processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Melhor é o fim das coisas do que o princípio delas”.

(Eclesiastes, cap.7 vers.8)

Ao escrever esse texto, lembro de tudo que experienciei na construção dessa pesquisa, os caminhos e desafios que ultrapassamos. E para tecer considerações finais a esse respeito, precisamos rememorar que há exatamente 1 ano e 6 meses buscávamos compreender como a história da Vila de Nazaré do Fugido podia contribuir para o ensino de história.

Essa tarefa não foi tão fácil, inicialmente não enxergamos fontes documentais escritas sobre a Vila, era necessário partir para relatos: as fontes vivas, pessoas que se dispuseram a nos receber em suas casas e consultar suas memórias.

Nesse caminho, fomos sobrecarregados pela burocracia e divididos pelas circunstâncias, a dificuldade inicial, se constituía em alinhamento, pois, a turma a quem a pesquisa estava interessada, não mais estava sob minha tutoria, somente meses depois tive acesso à escola e voltaria, e retomaria a pesquisa. A turma escolhida para a missão foi o 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professor Manoel Sabino da Silva, a média de idade desses alunos variava entre 14 a 18 anos, meninos e meninas que gentilmente se alinharam em participar da jornada.

Uma de minhas dúvidas era, o que que eles sabiam sobre a história do lugar que eles habitavam? A partir desta inquietação, começamos a organizar diversas atividades entre elas aula-oficina e rodas de conversas para instrumentalizar os nossos futuros investigadores, e as primeiras perguntas que surgiram foram: o que que eles sabiam sobre o seu lugar, o que fazia parte do seu cotidiano, e como as vivências seriam capazes de responder sobre as origens? Logo foi necessário entender como essa história era contada pelos moradores, então, demos o primeiro dos muitos passos e incentivamos os alunos as entrevistas.

Esse trabalho nasceu para responder como a história local, ou seja, a história Vila de Nazaré do Fugido, poderia ser importante e ajudar no processo de aprendizagem histórica de alunos do Ensino Fundamental – Anos Finais, e entendemos que sim, e o mais importante deste processo foi a possibilidade de buscar junto aos alunos, ajudar e incentivar a pesquisa, elaborar e fazer perguntas, praticar o ouvir, refletir e entender.

Comprendemos que a história local adquire uma função prática de dar identidade aos sujeitos e fornecer à realidade em que eles vivem uma dimensão temporal, uma orientação que pode guiar a ação, intencionalmente, por meio da mediação da memória histórica.

Além disso, os relatos e disposição dos moradores em participar, abriu as portas da escola promovendo e escancarando a necessidade de integração, de escola e comunidade. Percebemos um grande desafio para o ensino, isto é, compreender que é possível somar ao quadro e proporcionar aprendizagem em todos os espaços, isso inclui um pequeno igarapé.

Os alunos, figuras centrais da pesquisa, romperam entre tantos outros desafios, o medo, a insegurança, a vergonha, as incertezas e possibilitaram a esta pesquisa um espaço de debates, de crescimento, eles viabilizaram e conseguiram enriquecer este trabalho. Há ainda muito o que avançar, questões a responder e aprofundar, as demandas são grandes e receiam ser respondidas.

Entretanto, a possibilidade de poder gerar um produto didático-pedagógico, o produzido em conjunto com os alunos, desde o roteiro até as gravações, em meio a várias dificuldades para o seu desenvolvimento, ora por falta de material ou conhecimento técnicos, conseguimos eternizar e resgatar tantas memórias que julgamos importantes, de pessoas que fazem parte da Vila de Nazaré do Fugido.

Concluimos que a pesquisa possibilitou a aproximação entre escola, alunos/as, comunidade escolar e professores/as, auxiliando para novos e outros caminhos e estratégias para o desenvolvimento do ensino de história, instigando a possibilidade de fazer mais pelos estudantes, fortalecendo a ideia que eles/elas são sujeitos ativos de suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Katia Maria. **A História nossa de cada dia: saber escolar e saber acadêmico na sala de aula. Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007.
- ALBERTI, Verena. O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. In: **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro. Editora: FGV, 2004.
- ALMEIDA FILHO, Orlando José de. OMURO, Selma de Araujo Torres. História a Ser Ensinada: Algumas Reflexões em Torno da História Local. **Unisepe Educacional**. 2018. disponível em: <https://portal.unisepe.com.br>. Acesso em: 02 de jul. 2024.
- ARENDDT, Hannah. A crise na educação. In: **Entre o passado e o futuro**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 221-247.
- AZEVEDO, Patrícia Bastos de, MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. A sala de aula e a produção de sentido em práticas de letramento na história ensinada. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 8, n. 2, jul./dez. 2013, p. 559 a 580. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php>. Acesso em: 22 de mai. 2022.
- BARCA, Isabel. Ideias chave para a Educação Histórica: uma busca por (inter)identidade. **História Revista**, Goiânia, v. 17, n. 1, jan./jun. 2012, p. 37 a 51. Disponível em: <https://revistas.ufg.br>. Acesso em: 22 de mai. 2022.
- BARROS, José D'Assunção. “Tempo histórico: horizontes e conceitos”; “Tempos para entender a História”: In: **O tempo dos historiadores**. Petrópolis, RJ. Editora: Vozes, 2013.
- BARROS. J. D. **O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- BITTENCOURT, Circe Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos Avançados** [online]. 2018, v. 32, n. 93. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/152562>. Acesso em: 22 de ago. 2024.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez. Acesso em: 28 nov. 2022., 2018.
- BRASIL. **Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais: História**. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.
- CAIMI, Flávia Eloisa. História escolar e memória coletiva: como se ensina? Como se aprende? In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (orgs.). **A escrita da história escolar: memória e historiografia**. Rio de Janeiro. Editora: FGV, 2009.
- Cavalcanti, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. **Revista História Hoje**, 7(13), 272–292. Disponível em: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v7i13.393>. Acesso em: 13 de mai. 2024.
- CERRI, Luís Fernando. **Ensino de História e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro. Editora: FGV, 2011.
- COELHO, Fransuely Rocha. **História Local como Conteúdo de Ensino: experiências a partir da Memória de Ribeirinhos da Cidade de Conceição do Araguaia-PA**. Dissertação

de Mestrado. Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Programa De Pós-Graduação Em História (PPGHIS). Mestrado Profissional Em Ensino De História (PROFHISTÓRIA). 2024.

DAMASCENO, Victor Luiz. **História local e educação patrimonial: a feira livre de Bragança do Pará como espaço de aprendizagem histórica**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Programa De Pós-Graduação em Ensino de História (PPGEH). Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), Campus Ananindeua. 2023.

DIAS, Érika. A educação, a pandemia e a sociedade do cansaço. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação**, v. 29, n. 112, p. 565-573, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 20 de set. 2024.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História: Experiências, Reflexões e Aprendizados**. Editora Papyrus: São Paulo. Coleção Magistério: Formação e Trabalho. 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Márcia de A. História local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette M.; MAGALHÃES, Marcelo de S. (Org.) **Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

KENSKI, V. M. Educação e Comunicação: interconexões e convergências. **Educ. Soc., Campinas**, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 647-665, out. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0229104.pdf>. Acesso em: 19 de jul. 2024.

LAVILLE, Christian. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEITE, Mayara Alves. **Aprendizagem Histórica e História Local: Uma Experiência com alunos do 8º ano sobre o Ensino da História de Parauapebas-PA**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Tocantins. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – PPGHIS. Mestrado Profissional em Ensino De História – PROFHISTÓRIA/Campus de Araguaína. 2020.

LIMA, Antonio Bosco de. O que são os parâmetros curriculares nacionais? **Revista de Estudos Universitários - REU**, Sorocaba, SP, v. 25, n. 2, p. 57–69, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/4223>. Acesso em: 20 set. 2024.

LIMA, S. R. (2015). História e memória: pesquisa-ação-participativa no ensino da História Local. **História & Ensino**, 21(1), 149–172. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2238-3018.2015v21n1p149>. Acesso em: 20 de jan. 2024.

MAGALHÃES, Rodrigo Cesar da Silva. Pandemia de covid-19, ensino remoto e a potencialização das desigualdades educacionais. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 28, p. 1263-1267, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 20 de set. 2024.

PAIM, E. A., & PICOLLI, V. (2007). Ensinar história regional e local no ensino médio: experiências e desafios. **História & Ensino**, 13, 1079–126. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2238-3018.2007v13n0p107>. Acesso em: 06 de abr. 2023.

PÉRSIGO, P. M; FOSSÁ, M. I. T. Da Sociedade Midiática à Mdiatizada: uma atualização da comunicação organizacional. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Novo Hamburgo, 17-19 mai. 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0580-1.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2024.

POTIER, Leda Virgínia Belarmino Campelo; POTIER, Robson Willian. Didática da História, espaço escolar e vida prática: implicações para o desenvolvimento da consciência histórica em sociedade. **Revista História Hoje**, v. 3, n. 6, p. 279-298, 2014. Disponível em: <https://rhhj.emnuvens.com.br/RHHJ/article/view/147>. Acesso em: 10 de mar. 2024.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RÜSEN, Jörn. **Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. História da Historiografia (on-line)**, Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), no 02, p. 163-209, 2009.

SAMUEL, Raphael. História local e história oral. **Revista Brasileira de História**, São Paulo: Anpuh, v. 9, n. 19, p. 219-243, 1990. Disponível em: <http://www.anpuh.org>. Acesso em: 19 de mai. 2023.

SANTOS, Jairo Campos dos; OLIVEIRA, Luiza Alves de. Percepções sobre as ações das redes públicas de ensino durante a pandemia. **Educação & Formação**, v. 6, n. 3, 2021. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo>. Acesso em: 20 de set. 2024.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Saber escolar e conhecimento histórico? **HISTÓRIA & ENSINO**, Londrina, v. 11, jul. 2005. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/issue/view/774>. Acesso em: 14 de dez. 2023.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos & GARCIA, Tania Maria F. Braga. A Formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 67, 2005.

SILUS, Alan; FONSECA, A.LC; JESUS, D.LN. Desafios do Ensino Superior brasileiro em tempos de Pandemia de Covid- 9: repensando a prática docente. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.16, n.2, e5336, dezembro 2020. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5336/5105>. Acesso em: 20 de set. 2024.

SILVA, Francisco Ribeiro da. História local: objectivos métodos e fontes. **HISTÓRIA & ENSINO**, Londrina, v. 11, jul. 2005. p. 35-49, 2017. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3226.pdf>. Acesso em: 24 de jul. 2024.

ANEXOS

Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi assinado por alunos/as e pais.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – CAMPUS ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA – PPGEH
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA - PROFHISTÓRIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Título do Estudo: ENSINO DE HISTÓRIA E A HISTÓRIA LOCAL: (re)pensando a prática docente a partir da vivência de estudantes da Vila de Nazaré do Fugido no Pará
Pesquisador Responsável: Eula Regina Cidade Almeida. **Local da Coleta de Dados:** Magalhães Barata/PA. **Endereço:** UFPA-Campus Ananindeua/Pós-Graduação em Ensino de História. Telefone para contato: (91) 3721-1686. **Endereço do Comitê de Ética:** Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências e Saúde da Universidade Federal do Pará (CEPS-ICS/UFPA) – Complexo de Sala de Aula/ICS – Sala 13 – Campus Universitário, nº 01, Guamá. CEP: 66.075-110 – Belém-Pará. Contatos: (91) 3201-8349 / E-mail: cepccs@ufpa.br.

Prezado (a) Senhor (a),

Você está sendo convidado (a) a conceder essa entrevista de forma totalmente **volutária**. Antes que você decida participar desta pesquisa e conversar com a pesquisadora, é importante que você compreenda as informações e instruções deste documento. O pesquisador deverá responder as suas dúvidas antes da confirmação da sua participação. Você tem direito de **desistir** de participar a qualquer momento, sem nenhuma penalidade.

Procedimentos: Sua Participação nesta pesquisa consistirá na concessão de entrevista ao pesquisador e você não terá gastos ou ganhos (benefícios) financeiros por participar. **Benefícios:** Destaca-se como benefício a relevância deste trabalho para o Município de São Miguel do Guamá, como meio para subsidiar projetos, programas e políticas voltadas para um melhor entendimento das questões de gênero e da educação antirracista. **Riscos:** A concessão da entrevista pode acarretar algum tipo de desconforto com a metodologia aplicada, situação de estresse e insatisfação ao se responder às questões. Não há maiores riscos previsíveis, porém, caso algum desses riscos previsíveis aconteçam, estes serão minimizados pelo pesquisador e caso você decida deixar a pesquisa, poderá fazê-lo a qualquer momento, não sofrendo prejuízo, coação ou dano algum. **Sigilo:** As informações fornecidas por meio das entrevistas serão confidenciais e de conhecimento apenas dos pesquisadores responsáveis. Dessa forma, em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Pesquisadora Responsável

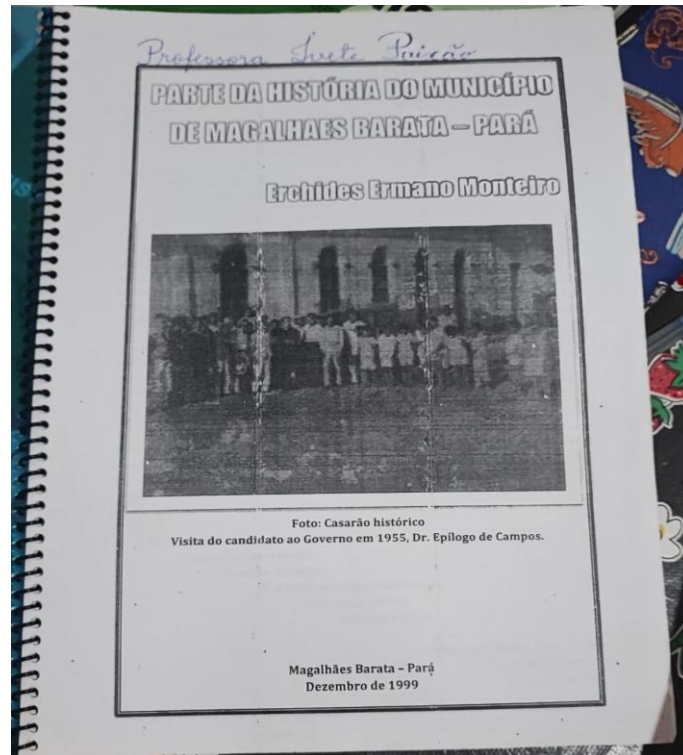
CONSENTIMENTO LIVREESCLARECIDO

Eu, _____ declaro que li as informações acima sobre a pesquisa e me sinto esclarecido sobre seu conteúdo, riscos e benefícios. Declaro ainda que por minha livre vontade, aceito participar da pesquisa cooperando com o pesquisador.

Magalhães Barata/PA, ____ / ____ de 2024.

Entrevistado(o)

Anexo B - Livro Parte da História do Município de Magalhães Barata, do autor Erchides Ermano Modesto. Utilizado como uma fonte histórica escrita.



Fonte: (Cedida pela Secretaria da EEEFM Manoel Sabino da Silva, 2024).